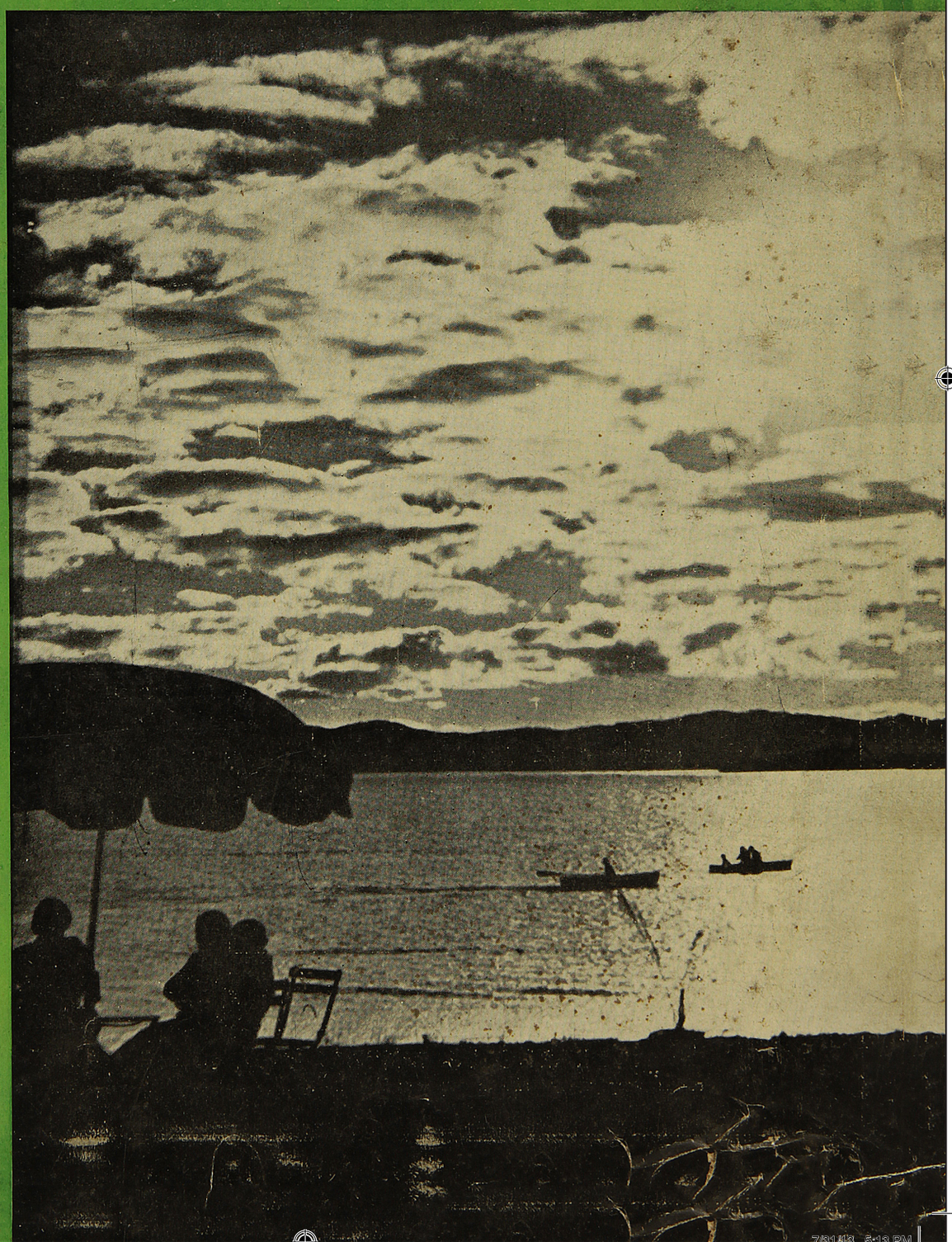
CLUBE de CAMPO

Bib
18.594-9

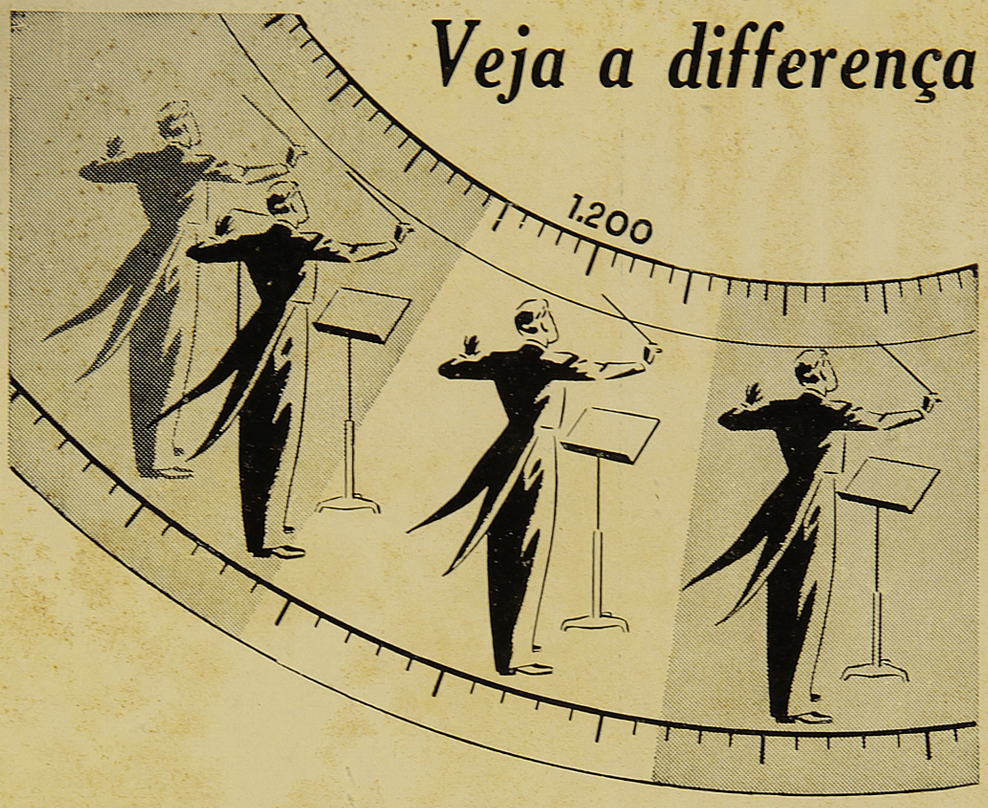
I-445,1,15



MARÇO • 1940
ANNO 1 • N.º 1

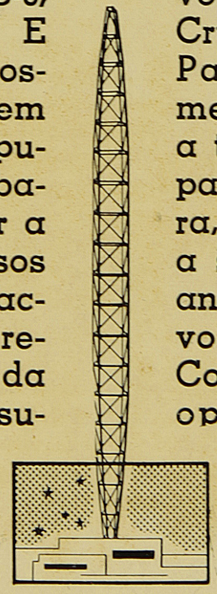
clube-de-campo.indd 1 7/31/13 5:13 PM

Veja a differença



NITIDEZ - ALCANCE - POTENCIA

LIGUE hoje o seu receptor para a PRB-6, em 1.200 kilocyclos. E veja a differença! Nossa estação ganhou em volume, alcance e pureza de som. Acabamos de augmentar a efficiencia de nossos transmissores, de accordo com as mais recentes conquistas da technica. O som é super-modulado. O novo e maior alcance da Cruzeiro do Sul, de São Paulo, conduz a sua mensagem de vendas a todos os recantos do paiz. A PRB-6 é agora, mais do que nunca, a sua estação. Como annunciante, pelo novo e enorme alcance. Como ouvinte, pelos optimos programmas.



PRB - 6

A ESTAÇÃO DOS BONS PROGRAMMAS

RADIO CRUZEIRO DO SUL

LARGO DA MISERICORDIA, 24 › S. PAULO

clube de campo.indd 2 7/31/13 5:13 PM

CLUBE *de* CAMPO

* MARÇO DE 1940 *

ORGÃO OFFICIAL DO CLUBE DE CAMPO DE SÃO PAULO

DIRECTOR: ORIGENES LESSA • SECRETARIO: J. A. CARUSO

REDAÇÃO:

ELSIE LESSA • MARIO SILVA BRITO • ALBERTINO PINHEIRO Jor.

"Clube de Campo"

"Clube de Campo", a nossa revista, apparece como uma consequencia do nosso programma de acção. Será uma palavra de estimulo para os nossos socios e um repositorio das suas actividades. E estamos certos de que todos os nossos amigos a irão acolher com o melhor da sua sympathia e do seu apoio.

A revista está nascendo com o Clube. Porque realmente, se alguma coisa já fizemos, estamos ainda praticamente no inicio do nosso programma que é, como todos sabem, fazer do Clube um prolongamento do lar dos seus associados, proporcionando a todos, grandes e pequenos, um fim de semana ou uma temporada de ferias agradavel.

Para alcançar essa finalidade, o Clube de Campo de S. Paulo tem envidado o melhor dos seus esforços para proporcionar a grandes e pequenos a distracção preferida, multiplicando, dentro de suas possibilidades, os entretenimentos e as attracções na sua séde.

Os nossos barcos, as nossas quadras de tennis, já em numero de quatro, as canchas de bola ao cesto e de voleibol, o stand de tiro, as cavallariças, os alojamentos e o restaurante representam já um inicio bastante promissor. Mas estão ainda longe do que pretendemos proporcionar aos nossos associados.

Estamos vivamente interessados na iniciativa que vem dotando os arredores do Clube de Campo de notaveis melhoramentos. E é com o mais real interesse que acompanhamos a nova estrada que está sendo aberta para dar ao Autodromo de Interlagos accesso directo ao centro da cidade, sobre asphalto, em menos de metade do tempo actualmente gasto, isto é, reduzindo consideravelmente a distancia-kilometro e, ainda mais accentuadamente, a distancia-hora.

Essas e outras medidas, essas e outras iniciativas só poderão redundar em beneficio dos nossos associados, só poderão accelerar o rythmo ascencional do nosso Clube.

Esta revista surge como o documentario da sua ascenção, como um novo traço de união entre o Clube de Campo de S. Paulo e seus associados. E' portanto, com o mais vivo jubilo que registramos o seu apparecimento, que vae coincidir com o lançamento da pedra fundamental do novo restaurante, cujo projecto está sendo meticulosamente estudado.

E. MATTOSO (*Presidente do Clube de Campo de São Paulo*)

clube de campo.indd 3 7/31/13 5:13 PM

ETIQUETA DO TENNIS

Por JOHN A. TORNEY JR.

Instructor de tennis
(Universidade de Washington)

O tenis é conhecido como um jogo de gentlemen, mas é grande erro pensar que essa definição significa que o esporte é caracteristicamente limitado a lordes financeiros ou de sangue azul. Pelo contrario, o tenis é um jogo universal sem termos de idade, sexo, situação social ou nacionalidade, e ganhou aquela fama devido ao alto codigo de esportividade que invoca e por causa dos elevados padrões de conduta e maneiras que se esperam tradicionalmente da parte dos jogadores.

Consequentemente, é de fundamental importancia que toda pessoa, desejosa de dominar as habilidades do tenis primeiro deva compreender e praticar esses padrões de conduta; deve imbuir-se dos ideais que deram origem ao codigo de esportividade; e deve, assim, desenvolver um amor proprio e ao esporte que eventualmente causará a necessaria conduta, que evidencia na quadra de tenis, como resultado simplesmente de reflexo inconciente.

Não há coleção de regras para governar essa conduta. A tradição contribue para a fundamentação dessas praticas. A este padrão tradicional o neofito deve acrescentar suas proprias interpretações da Regra de Ouro e sua propria definição do que é mais propicio ao melhor ajustamento social.

A questão da etiqueta no tenis não é tanto materia de leis e regras como o é de analise critica e auto-entrenamento. Somos o que somos, devido ao nosso desejo da aprovação dos outros, e assim vestimos, andamos, falamos, vivemos e nos conduzimos no campo de tenis de um modo destinado a ganhar para nós a aprovação daqueles cuja opinião temos em elevada conta.

Tendo em mente esse ponto de vista, estamos agora prontos para considerar mais especificamente o problema de como se comportar quando se jogar tenis. O que damos abaixo não são mandamentos, porêm, são, antes, exemplos de raciocinio pelo qual a pessoa deve determinar qual seja a propria conduta durante o jogo.

1 — Serei cuidadoso no meu modo de trajar quando tencionar jogar tenis. Meu orgulho sofrerá se eu sentir que os outros me estão olhando com desaprovação e estão formando opiniões que, embora diante de outras observações, não serão alteradas.

Noto que a pessoa cujas roupas são limpas e apresentaveis são aquelas que conquistam não só minha estima como tambem a admiração dos outros. Acho que o branco é a côr que me impressiona mais favoravelmente. Além disso, noto que o asseio é um espelho do caracter do individuo antes que medida do custo do vestuario.

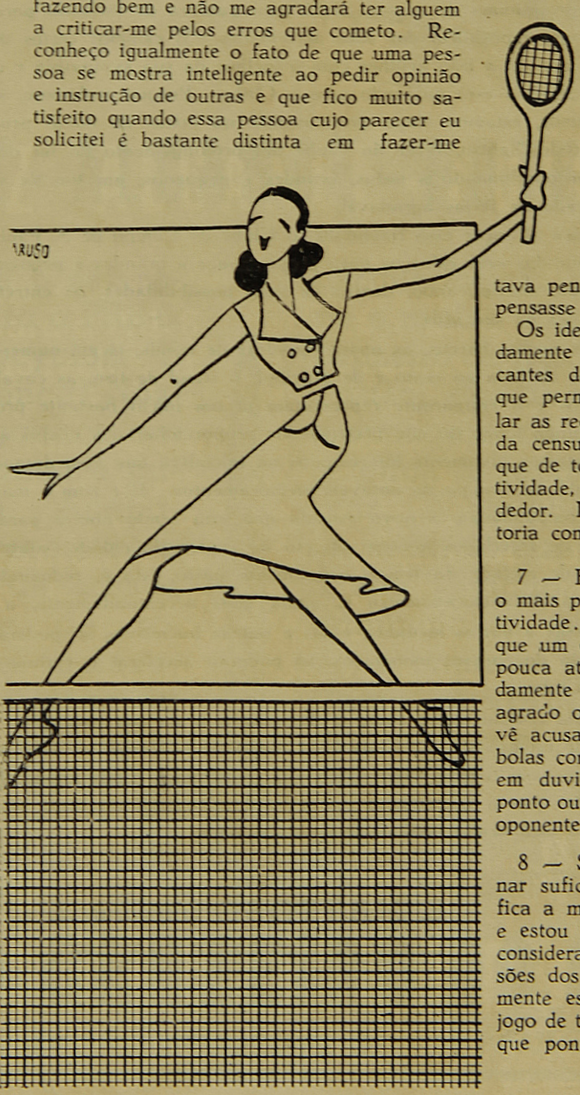
2 — Devo sempre prestar atenção quando o campo está ocupado: devo sempre evitar atravessar pelo jogo, porque estarei livre das impressões que formo da pessoa que é tão descuidada a ponto de incorrer em semelhante falta de atenção. Lembro-me de que quando um passante invade meu campo não só prejudica o meu prazer devido á interrupção do jogo, como tambem essa pessoa atrai minha atenção durante breve momento no qual sua ação o colocou à mais desfavoravel das luzes.

Pelos mesmos motivos, não correrei por dentro de um campo ocupado para recuperar a bola. Ao invês, pedi-la-ei ou esperarei até que seja devolvida segundo a conveniencia daquele em cuja quadra caiu a bola. Mostrarei paciencia, e se for necessario esperarei até que seja feito o ponto pelo qual estão jogando no momento.

3 — Nunca me esquecerei de dizer "por favor" e "obrigado" pelas bolas que foram ter a campos alheios, como tambem direi essas palavras de um modo que crie certamente antes uma impressão favoravel que desfavoravel.

Além disso, quando tais palavras me forem dirigidas, cuidarei de que as minhas ações e atitudes causem em meu vizinho a impressão de que lhe respondo satisfeito e não apenas por deferencia ou com certo desagrado.

4 — Evitarei cuidadosamente indicar ao oponente ou parceiro o erro que cometeu em estrategia ou tecnica. Sei que quando jogo me sinto feliz de acreditar que estou fazendo bem e não me agradará ter alguem a criticar-me pelos erros que cometo. Reconheço igualmente o fato de que uma pessoa se mostra inteligente ao pedir opinião e instrução de outras e que fico muito satisfeito quando essa pessoa cujo parecer eu solicitei é bastante distinta em fazer-me simplesmente sugestões ao invés de dizer-me como jogar. Porque comprendo que o não deixar de ser cuidadoso a este respeito pode significar a diferença entre ser petulante e prestativo, resolverei não criticar emquanto não me pedirem que sugira em vez de ditar regras.



5 — Procurarei não tornar-me impopular por mostrar desprazer porque o parceiro ou oponente não se acha a meu nivel em materia de jogo. A memoria de minha propria luta para aprender o suficiente que me permitisse bater a bola com certo grau de exatidão ainda está fresca, para que me permitisse erigir-me em critico implacavel, e posso lembrar a tristeza daquelas poucas experiencias em que a atitude egoista de um jogador superior prejudicava a minha disposição e diminuia temporariamente a pouca habilidades que eu possuia.

6 — Atentarei sempre para o fato de não dar prova de raiva, desgosto ou desaponto em meu proprio jogo. Tenho visto jogadores atirar suas raquetas à rede ou atirar a bola por sobre o cercado de arame e ouvi o murmurio que correra entre os espectadores que porventura assistiram a semelhante coisa. Posso adivinhar os pensamentos que tinham aqueles assistentes, sei o que eu estava pensando e não gostaria que ninguem pensasse a mesma coisa de mim.

Os ideiais da esportividade estão profundamente arraigados na natureza dos praticantes de quaisquer provas atleticas para que permitem a quem quer que seja violar as regras da esportividade sem o perigo da censura, bem o sei. Acredito tambem que de todos os pecados da falta de esportividade, um dos maiores é ser um mau perdedor. Eu deveria ter tanto prazer na vitoria como na derrota.

7 — Esforçar-me-ei sempre para aplicar o mais possivel os principios da boa esportividade. Procurarei principalmente evitar que um oponente suspeite que estou dando pouca atenção ao jogo ou sendo deliberadamente deshonesto. Eu sei com que desagrado os jogadores olham a pesoa que se vê acusar ou se supõe que acusaram boas bolas como tendo ido fora. Quando estou em duvida, pedirei uma resposta daquele ponto ou darei o beneficio da duvida ao meu oponente.

8 — Sou bastante afortunado em dominar suficientemente a habilidade que justifica a minha entrada em jogos de torneio, e estou firmemente decidido a jamais desconsiderar ou tentar desrespeitar as decisões dos arbitros. Sei que sou suficientemente esclarecido para não entrar em um jogo de torneio e ser tão indiscreto que marque pontos antes que o arbitro tenha a

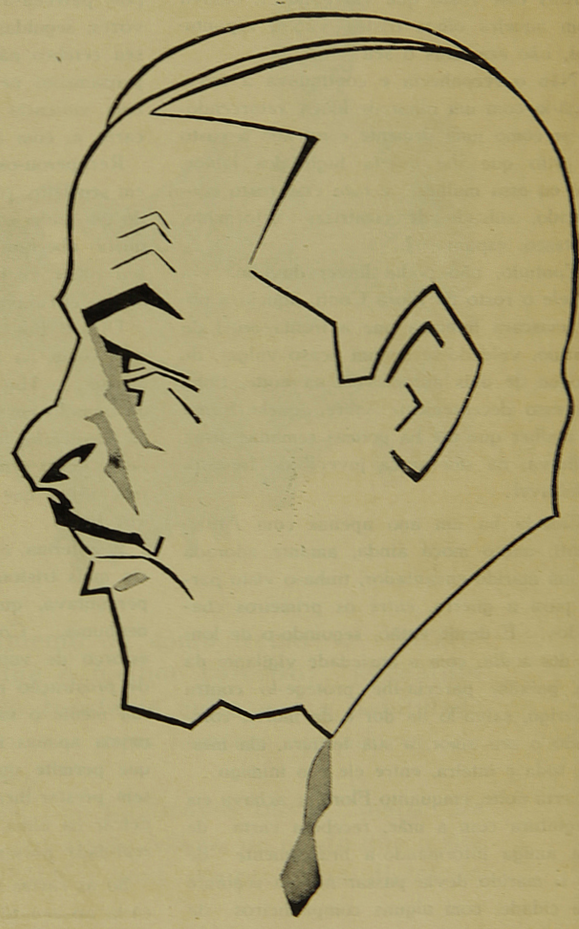
Continua na pag. 26

clube de campo.indd 4 7/31/13 5:13 PM

M A S C A R A S

AVARY DOS SANTOS CRUZ ➡

EUZEBIO QUEIROZ MATTOSO ⬅



CYRO DE FREITAS GUIMARAES ⬅

clube de campo.indd 5 7/31/13 5:13 PM

O CONTO ESTRANGEIRO

A VERDADE

Por AMALIA GUGLIEMINETTI ● Tradução de E. L.

Ella quiz finalmente conhecer a verdade.

Achando-se só, desceu a custo do leito, embrulhou-se no "peignoir" e, a passos vagorosos, agarrando-se aos moveis, escancarou a janela e poz-se deante do espelho.

A principio, deslumbrada pelo excesso de luz, nada distinguia. Depois, pouco a pouco, um rosto de contornos indecisos começou a emergir do cristal lucido, iluuminando-se, tomando forma e cor, aparecendo-lhe em toda a crueza da realidade.

Mas esse rosto que via e que a olhava com aqueles olhos tristes, vagos, espantados, não era mais o seu.

Não o reconhecia e continuava a interrogá-lo com um olhar de louca, retorcendo-do-se como uma demente e retendo a custo o grito que lhe queria fugir dos labios; sou eu essa mulher? é meu esse rosto contorcido, sulcado de cicatrizes, deformado, grotesco, espantoso?

Contudo, não podia haver duvida: era aquele o rosto de Flora Conti, aquela a nova mascara humana que a ironia cruel do destino, valendo-se de um acaso vulgar, do choque de dois automoveis na noite, tinha impresso decentemente sobre aquela forma de mulher que até ha poucas semanas atraz brilhava, na sua graça juvenil de frescura admiravel.

Casada ha um ano apenas com Attilio Conti, muito moça ainda, amante adorada de um marido encantador, tinha-o visto partir para a guerra, entre os primeiros chamados. E desde então, seguindo-o de longe, dia a dia, com a ansiedade vigilante da sua paixão, parecia-lhe protege-lo contra o perigo, salva-lo da dor e da morte, colocando o seu amor, a sua ternura, ela mesma, toda e inteira, entre ele e o inimigo.

Certa noite, emquanto Flora se achava em vilegiatura com a mãe, recebera carta de uma amiga informando-a bruscamente de que o marido devia passar no dia seguinte pela cidade, com alguns companheiros de armas, em cumprimento de uma ordem imprevista do comando.

A informação era apenas um vago diz-que-diz-que, ouvido na conversa de um amigo comum, então em licença. Mas Flora acreditou sem relutancia e, admirada de não ter recebido do proprio marido a noticia, chamou imediatamente um automovel e, apezar dos conselhos maternos, quiz voltar nessa mesma noite para a cidade e receber, no outro dia entre os braços o seu Attilio.

Na escuridão tempestuosa da noite, cortada de lufadas de vento e de chuva, ela, de olhos fechados, encolhida no fundo do carro, amedrontada e feliz, corria velozmente ao encontro do seu amor. E em meio á agitação da natureza, ao clarão dos relampagos e ao ribombo dos trovões, parecia-lhe quasi viver um pouco a vida que era, agora, a de todos os dias do seu Attilio, entre os relampagos e os estouros pavorosos dos combates.

De repente, sentiu que o carro se dirigia para uma curva imprevista e logo depois pareceu-lhe ouvir um som confuso de vozes, seguidas de um grande grito. O seu cerebro não teve tempo de formular pensamento nenhum e já se sentia atirada com violencia de encontro aos vidros do carro e, com o golpe, perdia os sentidos.

Recuperou-os muitas horas depois, já em seu leito, com a mãe ao lado, percebendo que tinha o rosto vendado, com uma pequeno abertura para os olhos, pela qual o seu olhar enevoado, estupefacto, ausente ainda, circulava, interrogando.

Dias e dias, semanas e semanas se passaram assim, na completa imobilidade daquele quarto. Um medico desconhecido vinha, de quando em quando, descobrir-lhe o rosto, medicá-lo, tornar a vendá-lo e ia-se embora, quasi sem palavras, acompanhado da mãe aflita que lhe falava suplicante, em voz baixa.

A enferma, estendida no leito, numa inercia mais tristonha do que resignada, nada perguntava, quasi não pensava em cousa nenhuma. Conseguira, por um supremo esforço de vontade, auxiliada pelo estado de prostração em que se achava, fazer em sua mente o vasio, a sombra ou aquela nevoa apenas transparente do pensamento, que permite voejar sobre as cousas, quasi sem prestar-lhes atenção, sem deixa-las penetrar na alma, com toda a crueza da sua realidade presente e futura.

Só as cartas de Attilio conseguiam arrancá-la ao seu torpor. Pela fresta das suas ataduras ela se apossava com o olhar, com a carne, com a alma, de cada uma daquelas palavras e se demorava em saboreá-las melhor, para imprimi-las mais fundamente em si propria, para reviver com elas o instante feliz em que tinham sido pensadas e escritas, para conforto seu.

Tinha permitido de má vontade á solicitude materna que informasse Attilio do acontecimento, porque até os jornaes tinham falado qualquer cousa sobre isso, mas a gravidade do caso lhe havia sido oculta e ele acreditava sua mulher curada ou convalescente, apenas com alguns traços do mal

Vender é facil...

VENDER BEM,

eis o problema!

●

QUER vender com vantagem seu algodão ou seu café? Procure o Escriptorio Assumpção, fundado ha dez annos, com representantes nas principaes cidades do interior e correspondentes em todo o Estado. Com uma larga experiencia e uma organização efficiente e completa, o Escriptorio Assumpção offerece as melhores vantagens e maiores lucros aos productores do interior. Possue um serviço de Rebeneficiamento e Catação em Taquaritinga. Consulte os nossos planos. Escreva-nos para informações mais pormenorizadas.

●

ESCRIPTORIO ASSUMPÇÃO

RUA ALVARES PENTEADO, 28
(Largo do Café)
Tels. 2-4949 e 2-8899
End. Telegraphico: RIOASSU'

Escriptorio em Santos:
Rua 15 de Novembro, 20
1.º andar, sala 16.
Tel. 3020.

clube de campo.indd 6 7/31/13 5:13 PM

sofrido, no rosto fresco e gracioso de menina, alguns pequenos sinais roscos, como os rastos de um beijo mais violento.

Assim dizia ele nas suas paginas calidas, cheias de nostalgia e de desejo, entre a narrativa mutilada de um assalto noturno e a noticia da morte de um companheiro, tombado ao seu lado.

Algumas vezes, ao terminar a leitura, prolongada por horas inteiras, Flora percebia as ataduras molhadas de lagrimas, junto aos olhos, mas quasi não se lembrava de ter sofrido ou de se ter enternecido, emquanto as lia.

Ficava-lhe somente no coração qualquer cousa de opresso e amedrontado, talvez a obscura intuição de estar rodeada por um abismo, no qual se recusava a olhar, por medo de conhecer-lhe a espantosa profundidade.

E veiu o dia em que as feridas secaram e as ataduras puderam ser, finalmente, retiradas. Ela não teve coragem de olhar nos olhos maternos.

Mas certa vez, ficando só no quarto silencioso, assaltou-a uma vontade terrivel de saber, de julgar-se, obrigando-a a levantar-se, abrir de par em par as janelas e interrogar o espelho.

Só então conheceu até que ponto o destino a maltratara, só então soube em que miseravel cousa a sua beleza, a sua frescura, a graça matinal do seu sorriso tinham sido brutalmente mudadas. Faltaram-lhe as forças para suportar essa crueldade. Pouco depois, foram achá-la desmaiada ao pé do espelho e já na cama, enfebrecida, delirou a noite inteira, ora chamando desesperadamente por Attilio, ora suplicando que a matasse, antes da sua volta.

Desse dia em deante a sua idéa fixa foi essa de morrer antes que ele a tornasse a ver. O pensamento de que o marido, para quem continuava a viver na imaginação e na saudade, creatura de doce beleza e deliciosa mocidade, pudesse tornar a vê-la reduzida a essa mascara lamentavel e disforme de mulher, perturbava-a a ponto de receiar enlouquecer. E tudo, mesmo a morte, parecia-lhe preferivel a esse horror.

Foram obrigados a vigia-la continuamente e só á custa de suplicas e astucias conseguiram que se alimentasse o suficiente para não morrer. Esconderam-lhe todos os espelhos, nos quaes se olhava a todo instante, delirando como louca.

Ha duas semanas já não chegavam cartas de Attilio e isso a punha mais agitada, mais triste ainda.

Apezar de haverem ocultado a todo mun-

É FACILIMO!

O SNR. TERA' COM O AUTOBRIDGE UM PARCEIRO IDEAL A QUALQUER MOMENTO!

Como divertimento ou como treino o AUTOBRIDGE substitue o melhor parceiro; possibilita uma comparação constante entre a sua habilidade com a dos maiores e mais famosos jogadores de Bridge do mundo.

Regularmente são publicadas novas mãos de bridge-contrato, em novas folhas, de modo que o seu estojo AUTOBRIDGE será sempre uma distração nova e atrahente.

Á VENDA NAS SEGUINTES CASAS:

Casa Anglo-Brasileira — (MAPPIN)
Casa Allemã: R. Direita, 176
Rothschild & Cia.: Rua 15 de Novembro, 201
Casa S. Nicolau: (Praça Patriarcha)
Casa Fuchs: R. São Bento, 406
Abreu Mello & Cia. Ltda.: Rua São Bento, 525
Seggese & Cia.: Rua João Briccola, 6
A Exposição: (Praça Patriarcha)

SI V. S. JOGA BRIDGE, NÃO DEVERA' DEIXAR DE CONHECER O ESTOJO DE **AUTOBRIDGE.**

clube de campo.indd 7 7/31/13 5:14 PM

do a gravidade da sua desventura, Flora chegava a supor que alguem, secretamente informado, lhe tivesse revelado a verdade e que o marido, desgostoso com ela e ofendido pelo seu silencio, pensasse em abandona-la á sua miseravel sorte. Falava disso á mãe como duma possibilidade certa e iminente, sorrindo com a boca contorcida e repuxada para a esquerda por uma cicatriz, que lhe sulcava a face. E esse sorriso tinha qualquer cousa de tão triste e tão macabro mesmo, na sua zombaria, que a pobre mulher estremecia e fechava os olhos, para fugir a essa crueldade.

Mas, depois de outra semana de silencio, chegou um curto bilhete de Attilio em que se dizia convalescente de um ferimento grave e pedia á mulher que fosse visita-lo no hospital para onde o haviam transportado.

Flora leu varias vezes as poucas linhas antes de compreende-las. Depois, dobrou-se sobre si mesma como um farrapo, combatida entre uma dor e uma alegria tão grandes que quasi lhe faziam parar o coração.

Mas de repente ergueu-se resoluta, pensou que ele sofria e a queria ao pé de si e decidiu-se a partir.

Por todo o dia, durante os preparativos da viagem, evitou pensar em outras cousas que não fossem o seu Attilio, o ferimento de Attilio, o mal de Attilio e a ventura dolorosa de revê-lo. Mas, no momento de sair de casa, chegando instintivamente deante do espelho para pôr o chapeu, a realidade terrivel apareceu-lhe, subitamente, deante dos olhos. Uma crise de soluços apoderou-se dela, sacudiu-a, arrancou-lhe lagrimas, gemidos e gritos, deixou-a mergulhada num estado de abatimento profundo e inerte.

Sua mãe, que devia acompanha-la, aproveitou-se daquela especie de atonia para completar-lhe a toilette de viagem, envolver-lhe o rosto num grande veu opaco e negro, arrasta-la á estação e colocar-se com ela num trem, apenas com o tempo de partir.

Viajaram parte da noite, quasi a sós no compartimento escurecido, num silencio taciturno, interrompido apenas pelo ruido ritmico das rodas, como o pulsar de um grande coração em movimento.

Naquele ritmo monotono, a moça, na sombra, estendida no divan, apertava no peito o pequenino coração transbordante de sofrimento e repetia ao infinito para si propria, a tragica promessa que era o unico consolo que lhe restava: vejo-o, depois me mato.

Chegaram de madrugada á cidadezinha de provincia, fria, muda e quasi despovoada que hospedava os feridos no seu hospital. Dirigiram-se a um velho hotel vasio e pretencioso, na praçazinha humilde da estação e esperaram a hora de visitar o enfermo.

— Vou sozinha — disse resolutamente Flora á sua mãe, emquanto esperava numa poltrona com o chapeuu, o manteau, as luvas, imovel e taciturna na sombra escura do veu.

A outra não se opoz, mas quando ela saiu, dirigiu-se ao hospital, seguiu-a de longe furtivamente e esperou no angulo do caminho deserto.

"Vejo-o, depois me mato — repetia Flora consigo, a cada passo que a levava para a sua ultima tortura e procurava imaginar cruamente a expressão de dor e de espanto que haveria de demudar a face de Attilio, quando tivesse erguido deante dele o veu que lhe ocultava a deformidade do rosto.

— Talvez a minha figura lhe pareça tão grotesca que se ponha a rir — pensava com uma brutalidade feroz para comsigo mesma. E parecia-lhe ouvir essa risada, longa e estridente, senti-la já nos ouvidos, um pouco falsa, mas quasi alegre, como era ás vezes o riso de Attilio deante de algum inimigo odiado e ridiculo. E esse riso o deixava num cinico bom humor.

Quando Flora Conti entrou no hospital e pediu para ver o marido, mostrando a carta que a chamava e o cartão de visita, pediram-lhe que esperasse numa salinha branqueada a cal, cheia de sol, com um longo crucifixo negro no meio da parede.

A sua mente tinha-se feito de novo vasia e ausente, como nos dias da doença, quando ignorava ainda a atroz verdade da sua desventura. Só um martelar surdo, doloroso, profundo dentro do peito advertia-a de que um instante supremamente decisivo se avisinhava.

Entrou uma velha irmã de caridade, de rosto meigo e inteligente, sob a candidez alva da touca, que lhe sorriu com ternura comovida e lhe apertou as mãos, sentando-se junto dela.

— E' a senhora a esposa do tenente Conti? Seu marido foi gravemente ferido, mas não permitiu nunca, durante os dias em que esteve em perigo de vida, que a senhora fosse avisada Só agora que está melhor e o perigo passado pediu para ve-la e escreveu-lhe. Só agora...

Parecia que a freira se demorasse em frases inuteis e prolixas para se preparar e á sua ouvinte para qualquer cousa de muito grave e de muito dificil de revelar, uma dessas noticias para as quais as palavras humanas parecem duras demais e frias demais e ás quais não se sabe por que tortuosas e estranhas ambiguidades se quereria chegar, para não ferir mortalmente, com uma silaba crua e impiedosa.

— Ele vai sarar, irmã? Está convalescente? Não é verdade? Diga-me, diga-me tudo.

Ansiosamente, num impeto, a moça interrogava, sacudindo as mãos da irmã, sentindo confusamente entre si e ela algo de obscuro, mais terrivel ainda do que tudo o mais.

— Tenha coragem, minha filha, tenha coragem — começou a encorajar a freira, depois de uma longa pausa de hesitação.

— Mas o que é, meu Deus, o que é que a senhora está me escondendo? Diga, diga logo, suplico-lhe. Não me deixe neste desespero.

A voz da moça tremia, numa convulsão de espasmo, como tremiam-lhe tambem as mãos e o corpo inteiro.

— Ponha-se nas mãos de Deus, senhora e ofereça-lhe o seu sacrificio...

— Mas eu estou nas mãos de Deus, estou ha tres mezes sob os seus golpes mais crueis. O que querem ainda de mim? Meu marido está mutilado, talvez, ou invalido e enfermo por toda vida? E' isso o que não quer dizer?

— Talvez, senhora, seja qualquer cousa ainda mais triste.

— Não sei, não sei, fale, Deus meu. Não sei...

Ela balbuciava, agora, entre soluços, na sombra escura do veu, com uma vozinha de criança perdida, que não sabe o que fazer e olhava a irmã, ansiosamente, com os grandes olhos claros, ainda limpidos e belos no pobre rosto devastado, numa pergunta muda que pedia e receiava a resposta.

A freira teve ainda uma pausa de perplexão, depois passou-lhe os braços pelo ombro, como se receiasse ve-la cair e disse:

— O seu marido está cego, minha filha...

Depois, apertou contra si a pobre creatura sofredora, sufocou contra o peito o grito selvagem que lhe pareceu, estranhamente, um brado de desespero e ao mesmo tempo de libertação.

clube de campo.indd 8 7/31/13 5:14 PM

O ARCEBISPO *de* S. PAULO INAUGURA *a* CAPELLA *do* CLUBE *de* CAMPO

Um domingo no Clube de Campo era um domingo integralmente bem aproveitado. Ferias para o espirito, exercicio para os musculos, despreocupação, euforia...

Mas faltava ainda, para os espiritos religiosos, a obrigação dominical da missa: e veiu a missa.

A capelinha rustica foi transformada e alargada. A cal muito branca, uns retoques modernos, novos bancos e quando o sino chamava a nave simples era pequena para conter os que acorriam a ouvir a missa.

Domingo, 12 de novembro foi solennemente inaugurada a nova capella, com a presença de S. Reverendissima, o Arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar de Affonseca e Silva, que celebrou a missa, acolytado pelos conegos Rolim Loureiro e Marcello Franco, prestigiando com a sua presença o Clube de Campo de São Paulo.

Damos abaixo dois aspectos da sua visita.

clube de campo.indd 9 7/31/13 5:14 PM

ARTE-MODA-COCKTAIL

Um sopro matinal, lavado e fresco de inocencia parece ter invadido a desajuizada Paris de todas as surprezas.

E' prudente lembrar que isto apenas do ponto de vista da moda feminina, porque quem passeia pelas suas calçadas, que são vitrinas, ou pelas suas vitrinas, que são mundos, tem a perturbadora surpreza de verificar que um mal estranho, ou um bem estranho, se preferirem, fez desaparecer as mulheres feitas, balzaqueanas ou não, das ruas, das casas e dos palcos.

Só ha meninas: adolescentes longas, figuras esgalgas, penteados simples, chapeuzinhos ingenuos e floridos, infantilmente atados sob o queixo. Luvas muito brancas, organdis muito leves, lenços de linho conventuais, rendas valencianas, as deslumbradoras valencianas que valorizaram os linhos perfumados dos enxovais de nossas avós.

Verão

★ ★ ★ ★ ★

um punhado de novidades

Se você tiver o espirito classico, minha amiga, contente-se com os vestidos gregos de Vionnet, em longas pregas verticais.

Mas, se for um pouco mais audaciosa, siga as sugestões de Molyneux, usando as grandes saias esvoaçantes, franzidas, folhudas, sem medo de que os seus quaudris pareçam menos finos, porque (ai de nós!) parece que essa é que será a nota dominante, mais cedo ou mais tarde.

Quando até Vionnet, dictadora da móda, começa a apresentar aquelas saias-de-baixo bem 1900, tão cheias de segundas intenções, com fitinhas provocantes e sensatos bordados inglezes, é porque, positivamente, a extravagancia tomou conta do cartaz.

—o—

Como um substituto para o negro invariavel, tão caro a nós, paulistas, Molyneux sugere uma nova côr, o vêrde-marinho. E' um verde escuro, com qualquer cousa de um azul profundo, que se torna provocante combinado com o branco.

—o—

Um branco branquissimo, de enxoval-de-bêbê é o novo idolo para os vestidos de noite.

Os linhos continuam a espalhar a sua frescura por toda Paris. E parece que são estasiantes para as manhãs, para a tarde e até para a noite. O "gingham", reservado aos guaurda-roupas infantis, irá tomar parte activa no nosso enxoval de verão. As sedas lavaveis tambem dão ás mulheres o encanto tão em voga de colegiais...

—o—

O simpatico "premier" inglês, Chamberlain, figura obrigatoria dos "news" internacionais, com o seu eterno guarda-chuva pendurado no braço cheio de responsabilidades, inspirou a imaginação irreverente dos costureiros parisienses, que lançaram milhares de "Chamberlain's" estilizados, numa consagração inesperada ao ministro britanico.

—o—

Os "slacks", tradução muito comoda para as comodissimas calças masculinas que nós, agora, usamos a todo pretexto, têm a sua consagração universal nas paginas dos grandes figurinos.

Foram, primeiramente, usadas apenas nas

Mesmo os vestidos nocturnos têm uma graça simples e modesta (ainda a influencia cigana!) de saia-e-blusa, mangas largas e longas, saias pregueadas, rendas, fofos, fitinhas, aplicações, toda aquela complicação "avant-guerre", que nós ingenuamente julgámos desterradas para sempre dos nossos guarda-vestidos.

Para as mais corajosas ha mesmo a sugestão de uma capinha infantil, com um capuz de bêbê, numa nitida reminiscencia de "nursery". Mesmo as maneiras estão mudadas, a serem usadas com convicção essas modas ingenuaus. Condizendo com tudo isso, só vozinhas mansas, mãos liricas, de graça modesta, qualidades tão longamente esquecidas já...

E, dominantes, sobre as outras surprezas, blusinhas frecas, angelicas, irreais, de "lingerie"...

clube de campo.indd 10 7/31/13 5:14 PM

UM PUNHADO DE NOVIDADES

manhãs fazendeiras ou no ambiente esportivo dos "yachts". Depois, desceram ás praias, tornaram-se o uniforme obrigatorio nas estações-de-agua, nas excursões em automovel. E são maravilhosos para voar...

—o—

Uma nova côr — o "beige-bambú": você a verá esta estação nos linhos, jerseys, shantungs ou numa jaqueta loura de marta.

Ficará maravilhosa com chapeus brancos, luvas brancas, com joias de perola ou de coral.

Se você estiver ligeiramente queimada, fará de você uma boneca dourada. (Não é convidativo?).

Dar-lhe-á nos dias mais quentes do verão uma aparencia de frescura e de serenidade com o seu tom claro.

—o—

Ainda para as peles queimadas deste começo de verão: experimente nas suas unhas o novo esmalte branco, de uma brancura opaca de giz.

Fará das suas as mãos de uma sereia morena e estival, com aquela brancura inesperada na ponta dos dedos dourados (diz a propaganda...)

—o—

Dizem que Carmen Miranda, nossa bahiana "gran-fina", nascida por engano em Portugal e proclamada estrela, pelo "Vogue", no ceu artificial de uma "Broadway" entediada, anda responsavel, nas vitrinas dos grandes costureiros de Nova York, por uns turbantes malucos que andam usando por lá, e sagrada e consagrada pela imprensa e pelo radio, não temos remedio senão patrioticamente tinir de entusiasmo. E bater palmas quentes a essa Carmen ondulosa, de dedos de borboleta, que, de olhos quasi fechados, com a pele doirada e os dentes brancos de gata, leva para o "ar-condicionado" das **boites** americanas todo o sol e todo o calor do Rio de Janeiro.

clube de campo.indd 11 7/31/13 5:14 PM

D A N Ç A

A noite tomba, arfando, lentamente
Sôbre o solo africano; um sôpro quente
Percorre a escuridão.
Magnéticos, esquivos vagalumes,
Uma onda de sons e de perfumes
Povoam todo o chão.

Na quietação profunda ouve-se a fala
Da noite — um brando farfalhar; estala
Um talo de palmeira;
A serpente escondida na espessura
Agita os tredos guizos; lá na altura,
Pia uma ave agoureira.

Há agora um novo acorde em meio a festa —
Como um longo gemido da floresta
Um som tristonho e cavo...
Pulsa, estremece a selva solitária
Ao comprido clamor, à lúgubre ária,
Ao som tristonho e cavo...
.....

E' no centro da mata — uma clareira;
Os pretos dansam, arde uma fogueira
Como mago clarão...
Ao cavo som do músico atabaque
Responde o surdo e compassado baque
De negros pés no chão...

E' um baile na floresta! Da fogueira
O bafo aquece a dansa feiticeira,
O batucar profano;
Cantam os negros, tontos de paixão,
A dor, a sombra, a vaga religião
Que há no desejo humano...

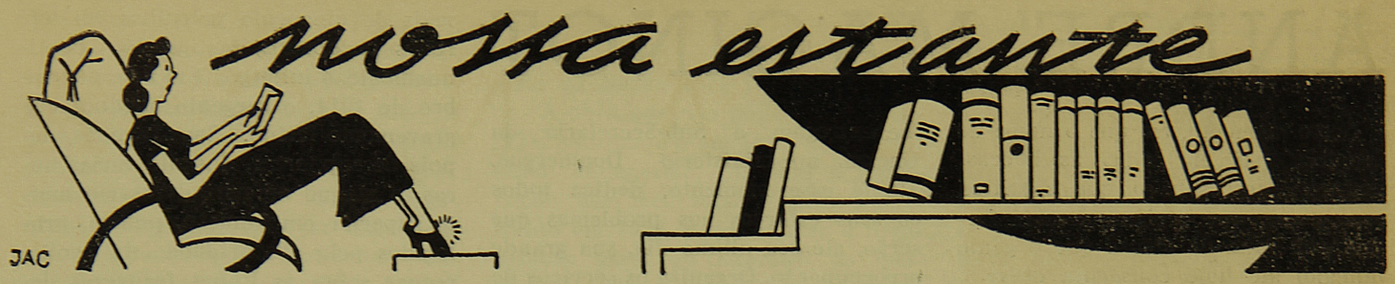
O som se expande na floresta escura;
No úmido seio de uma furna dura
Do mato misterioso
Um leão se levanta e a juba eriça
E arripiado escuta a extranha missa
Imóvel, silencioso...

O monótono baile continua.
A agra paixão do negro, queima, estua,
E sussurra o tambor...
E' a voz revôlta da floresta hirsuta,
São os pretos uivando, e Deus escuta
Um soluço de dor...

E' a voz da noite. Ao longe sonha o Nilo...
A lua lá nos céus escuta aquilo —
E' o sofrimento humano...
E soluça o tambor ritmadamente;
A noite tomba, arfando, lentamente
Sôbre o solo africano.

ALBERTINO PINHEIRO JUNIOR

clube de campo.indd 12 7/31/13 5:14 PM



VAQUEIROS E CANTADORES
Luiz da Camara Cascudo
Edição da Livraria do Globo
Porto Alegre — 1939

A Biblioteca de Investigação e Cultura, dirigida pelo professor Josué de Castro, acaba de ser enriquecida de mais uma obra importante. Trata-se de "Vaqueiros e Cantadores", da autoria do conhecido historiador e sociólogo Luiz da Camara Cascudo.

"Vaqueiros e Cantadores" reune as observações feitas pelo autor durante quinze anos de sua vida sôbre o folclore poético de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Em parte alguma de seus depoimentos de testemunha a imaginação supriu a existência do detalhe pitoresco. O material foi colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente, vieram apenas reforçar, retocando o "instantâneo" que os olhos de Luiz da Camara Cascudo haviam fixado outrora.

"Vaqueiros e Cantadores" constitue uma ótima contribuição para o estudo do folclore brasileiro.

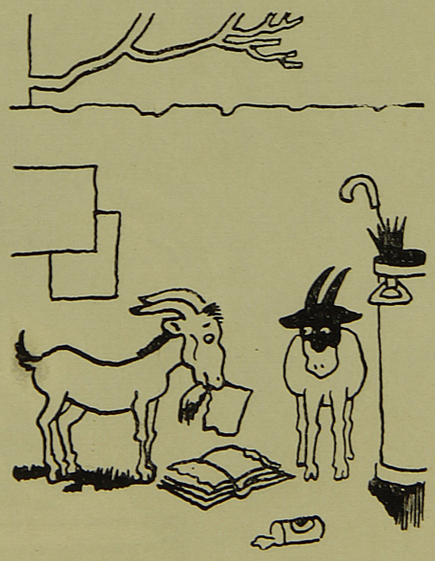
UM RIO IMITA O RENO
Vianna Moog
Edição da Livraria do Globo
Pôrto Alegre — 1939

E' o primeiro romance do vigoroso prosador gaúcho. Trata-se de um inquérito sôbre a imigração alemã no sul do Brasil — tema cuja palpitante atualidade torna-se desnecessário ressaltar. Passa-se em Blumental, cidade imaginária. E' um contraponto do norte e do sul, de vez que o personagem central do romance é um amazonense, descendente de cearense e índia Nhengaíba. Entrosam-se, em verdade, duas histórias — a da opulência e decadência do coronel de barranco, pai do personagem central e, ao mesmo tempo, a de suas reações num meio inteiramente novo para êle, que o situa em condições excelentes para visualisar todos os problemas, sem idéias preconcebidas, sem odios e sem paixões. Há no romance conflitos de raças, problemas de educação e de religião. E' também abordado o problema dos judeus.

Resultantes de duas culturas diversas são tratadas na história comovente de "Um rio imita o Reno" — a história dum amor contrariado e contra o qual conspira o determinismo indesviável das coisas ajudadas pela intromissão de preconceitos teóricos sôbre raça.

O escritor Vianna Moog está em condições maravilhosas para focalizar o assunto tratado no seu primeiro romance. Ninguém, mesmo, poderia fazê-lo em melhores condições. Nascido em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em plena zona colonial alemã, ficaram gravadas no subconciente do autor impressões de infância referentes à formação da colonia, das várias etapas ali atravessadas, bem como reminiscências da guerra de 1914-18, do sorteio militar, da nacionalização progressiva, etc. Além disso, a sua estada no Amazonas dá-lhe autoridade para tratar os problemas daquelas paragens.

"Um rio imita o Reno" é, assim, um romance de genuina experiência pessoal e por isso mesmo objetivo, muito embora os seus personagens sejam de pura ficção.



A cabra enfastiada: Eu só como romance policial. Livro de Sociologia é muito indigesto...

SERVIDÃO HUMANA
William Somerset Maugham
Tradução de Antonio Barata
Edição da Livraria do Globo
Porto Alegre — 1939

William Somerset Maugham, já conhecido no Brasil. com "Histórias dos Mares do sul" e "Um drama na Malásia", — acaba de ter mais um lirvo traduzido e editado em português "SERVIDÃO HUMANA", — o romance máximo.

"SERVIDÃO HUMANA" é uma autobiografia sabiamente entrelaçada com ficção, relatando aspéctos da luta pelo êxito de um jovem inglês. As várias fases desta narrtiva formam um conjunto harmonioso, uma história admirável, de surpreendente realismo, lúcida e poderosamente arrebatadora. E é o romance de maios evidência na atualidade.

DIA'RIO DUMA EXILADA RUSSA
Alia Rachmanova
Tradução de Esther de Viveiros
Edição da Livraria do Globo
Porto Alegre — 1939

Alia Rachmanova, a consagrada autora de "Estudantes, Amor, Tscheca e Morte" e "A Fábrica do Novo Homem" acaba de incluir mais um livro na lista de suas obras editadas em português: Referimo-nos ao "Diário duma exilada russa".

Nascida na Russia, Alexandra Rachmanova pertencia à burguezia. Por ocasião da quéda do regime czarista e o advento dos vermelhos sua familia foi perseguida.

Continua na pag. 26

clube de campo.indd 13 7/31/13 5:14 PM

ANDRE' MAGINOT

Neste momento, em que o nome de Maginot está em todas as boccas, muitos interrogam o que significa esse nome, que designa a mais formidavel linha de defesa que o genio humano até hoje conseguiu crear.

Maginot foi sargento da guerra de 1914. Nasceu em Paris, de uma familia da Lorena, em 17 de fevereiro de 1877, e morreu, na mesma cidade, em 7 de janeiro de 1932. Depois de concluir seus estudos de Direito, ingressou como auditor no Conselho de Estado, sendo logo nomeado director do Interior do governo geral da Argelia, em 1907. Maginot era, sobretudo, um homem de acção. Abandonou a administração, para dedicar-se á politica. Elegeram-n'o conselheiro geral do Mosa, e, em 1909, aos 33 annos, deputado por Bar-le-Duc.

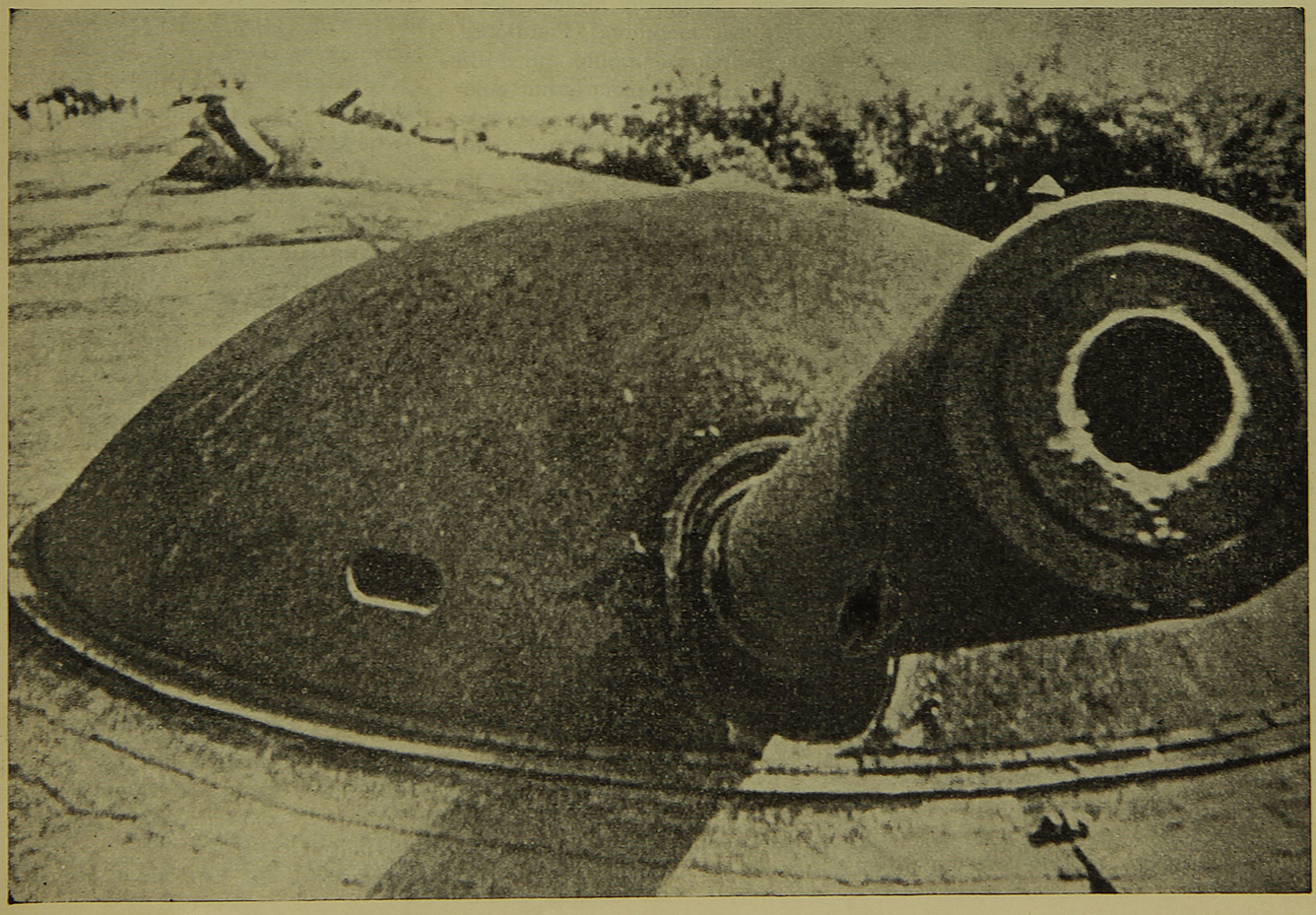
Maginot entra para o Parlamento com larga experiencia dos assumptos publicos, em consequencia dos postos que anteriormente havia occupado, e, em dezembro de 1913, lhe entregam a Sub-Secretaria da Guerra, no ministerio Doumergue. Desde esse momento, dedica todos os seus esforços aos problemas que serão, até seu ultimo dia, sua grande preoccupação. Organiza os serviços de polvora, preoccupa-se em reforçar effectivos da defesa franceza e trata de proteger a região de Nancy contra um ataque brusco. Deixa a Sub-Secretaria da Guerra em junho de 1914.

SARGENTO DURANTE A GUERRA DE 1914

Estala a guerra, e imediatamente se apresenta, pedindo para ser incorporado como soldado no 44.º regimento de infantaria territorial de Verdun. Como loreno, quer combater em sua terra. Mas o soldado Maginot havia nascido para ser chefe. Nomeado cabo, no campo de batalha, e, pouco tempo depois, sargento, organiza uma secção de exploradores, e, durante varias semanas, conduz mais de cincoenta patrulhas em terrenos occupados, fustigando, continuamente, o inimigo. Em 9 de novembro de 1914, o sargento Maginot cáe gravemente ferido. Seus homens, depois de supportar, durante varias horas, o ataque de um adversario muito superior em numero, podem, protegidos pela obscuridade da noite, recuar sobre as linhas francezas, levando o seu grande sargento ferido.

OS ULTIMOS ANNOS DA GRANDE GUERRA

Com uma perna amputada, é um invalido que, depois de um anno de sofrimentos, volta a occupar sua cadeira na Camara dos Deputados para continuar trabalhando por sua patria. Tres citações, a medalha militar, a Legião de Honra, provam amplamente o seu valor, o seu patriotismo e sua ascendencia sobre todos os que o rodeiam. Em todas as etapas da carreira parlamentar e administrativa de André Maginot encontramos essa força de caracter, essa bravura, esse patriotismo, que o caracterizam. Durante os ultimos annos da guerra, foi presidente da Co-



clube de campo.indd 14 7/31/13 5:14 PM

missão do Exercito, e, em 1917, ministro das Colonias. Sempre collaborou de uma maneira intelligente e firme, e contribuiu para o esforço geral de organização que permittiu ganhar a guerra. Fez com que as colonias participassem da luta, organizou o abastecimento da metropole e o recrutamento dos indigenas. No dia do desfile da victoria, quando passou debaixo do Arco do Triumpho, á frente dos mutilados, apoiando-se nas suas muletas, André Maginot, sargento, parlamentar e ministro, podia sentir-se satisfeito pelo bem que havia devotado á sua patria.

MINISTRO DAS PENSÕES E MINISTRO DA GUERRA

Mas a sua tarefa estava longe de haver terminado. A' frente do Ministerio das Pensões, recentemente creado, esforçou-se, com tenacidade, em ajudar todas as victimas da guerra. Desempenhou essas funcções nos governos de Millerand, Leygues, Briand, desde janeiro de 1920 até janeiro de 1922, e durante o governo de Poincaré, desde 1922 a1924. Trabalho difficil e delicado, que levou a cabo com methodo rigoroso e nobre abnegação. Durante esses dois annos, Maginot accumulou as funcções de ministro da Guerra e das Pensões. De 1924 a 1928, incorporou-se nas fileiras da opposição, á frente do grupo da Acção Democratica e Social. Em junho de 1928, elegeram-n'o novo presidente da Comissão do Exercito, e, em novembro de 1928, teve que deixar essa presidencia, para assumir a direcção do Ministerio das Colonias. Desde novembro do anno seguinte até dezembro de 1930, foi ministro da Guerra, nos dois Gabinetes Tardieu, e, em janeiro de 1931, voltou a occupar essa pasta, no ministerio de Laval.

A OBRA DE MAGINOT, MINISTRO DA GUERRA

A obra que André Maginot desenvolveu no Ministerio da Guerra merecia um estudo largo e minucioso. Foi nesse ministerio, que lhe confiaram seis vezes, que deu mostras de tudo quanto era capaz de realizar. Em 1923 fez votar pelo Parlamento uma lei estabelecendo o serviço militar de dezoito mezes, e, em 1924, a lei sobre as pensões civis e militares. Fez, ao mesmo tempo, approvar um projecto de lei sobre a organização geral da Nação para tempo de guerra. A obra que não pôde realizar em 1924, continuou-a em 1929, com redobrado entusiasmo. Dirigiu a applicação das leis votadas pelo Parlamento em 1928, concernentes á organização geral do Exercito, os quadros e os effectivos, e da lei de recrutamento, instituindo o serviço de 1 anno.

A LINHA MAGINOT

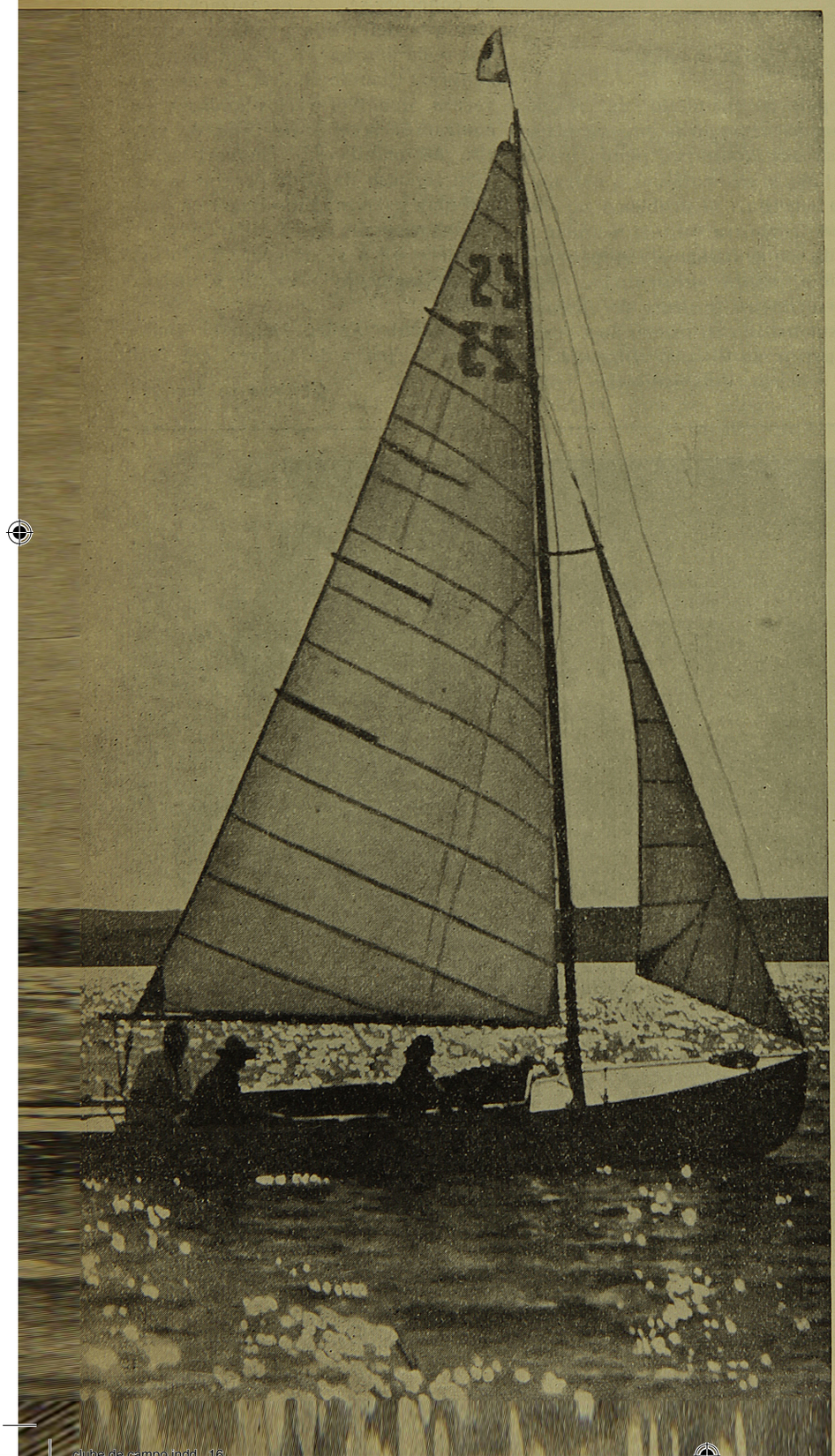
Depois do abandono da região rhenana, preoccupou-se em organizar a defesa das fronteiras, pondo nessa tarefa toda a sua habitual e extraordinaria energia. O problema da defesa das fronteiras foi, em realidade, encarado immediatamente depois do armisticio, sendo apresentado, em 1920, o primeiro projecto de conjuncto, e submettido ao exame do Conselho Superior de Guerra. Discutiram-se em começo, dois conceitos distinctos, sobre questões de principio. Afinal, adoptou-se o projecto, que podemos resumir em poucas palavras: uma vez terminados os trabalhos, não se veria, na região fronteiriça, nenhum forte semelhante aos antigos fortes de Vaux e Daumont. Apenas se poderia distinguir, á superficie da terra, alguma pequena abertura, capaz, sem embargo, de lançar por sua bocca o fogo mais infernal que possa conceber-se. A organização interior está defendida por uma couraça que póde desafiar os obuzes de maior calibre. Quando se desce a essas cavernas, que têm varios andares, encontram-se secções de tiros, de viveres, de munições, compartimentos para repouso da tropa, cozinhas, etc. Em uma palavra: tudo quanto a guarnição necessita para lutar, viver e abastecer-se a si mesma. Tudo está minuciosamente previsto e organizado.

Quando André Maginot tomou posse da pasta da Guerra, em 1929,

Continua na pag. 29

clube de campo.indd 15 7/31/13 5:14 PM

O que é que o paulista tem!



— Fileiras de arranha-ceus? Tem.
— Apitos de fabricas? Tem.
— Mulheres bonitas? Tambem tem.
— Dinheiro pra gastar? Se tem... (Ah!)

Agora, paisagem é que não tem muita, não. (Que inveja daquele deslumbramento comodo do carioca, que tem na curva da primeira esquina aquele esplendor diario de céu, de mar, de sol e de montanha, boquiabrindo turistas e emoldurando as morenas mais saborosas da terra!).

Mas, como a terra é boa e "em se plantando, nella tudo dá", o "week-end" das revistas e fitas americanas tambem pegou.

E houve grandes disparadas, serra abaixo, pela Estrada do Mar e toda uma população efemera de pic-nic nas praias mansas de Santos e do Guarujá. E houve retornos cansados, de musculos coloridos e peles queimadas, na estrada povoada de sustos e desastres, nas noites mornas de domingo.

Até que S. Paulo, comodista, descobrisse, ali muito a geito, em Sto. Amaro, o seu marzinho artificial, de praias bem educadas e ilhazinhas de cartão postal.

E foi então que surgiram do chão, como cogumelos, os clubes de beira-repreza, com os seus barquinhos-a-vela, os seus "shorts" esportivos e os seus domingos bem aproveitados

E foi quando apareceram, nas curvas vermelhas das estradas uma flexa e um nome: Clube de Campo de São Paulo.

O Clube de Campo: as mesinhas de linho xadrez, no grande terraço que emoldura a distancia, feita de agua, de sol e de ar. A ilha de eucaliptus altos, ao longe (a quantas braçadas?), velas brancas e alaranjadas, nomes sonoros de embarcações ligeiras, deixando uma esteira tenue na agua lisa e rebrilhante: Luba, Swallow, Butterfly...

Nos "courts" de tenis, gestos elasticos e linhos brancos e a bola que pula divertida, no chão côr de tíjolo, entre a rêde e a "raquette": poc — poc ... poc ...

Pelas estradas que convidam e onde ha silencios e amoras, ha galopes suados, ao ritmo marcado das patas no chão ...

Mais adeante, na originalidade rustica de um "stand" de tiro, balas certeiras cortam bruscamente voos assustados de pombas. E o giz branco marca no quadro negro um ponto a mais.

Ali, antes daquela onda, uma touca reluzente de cautchú avança ao impulso de dois braços tostados, cortando a agua dócil.

De uma mesa, onde ha whiskies e anecdotas, um charuto ergue para o céu um pouco

clube de campo.indd 16 7/31/13 5:14 PM

de fumaça, que vai procurar, lá em cima, uma nuvem inquieta.

Na praia, entre os enormes guarda-sois coloridos, uma boca vermelha e espirituosa se distrai com uma laranjada, e os oculos enormes de aviadora nem vêm, lá em cima, um avião polido como uma caçarola de aluminio, traçando grandes sinais da cruz, entre o sol e a agua, emquanto o piloto procura descobrir, lá do alto, a sua namoradinha de brinquedo, perdida na paizagem de presepio.

Depois, de repente, vinda do ceu ou do lago, uma sombra dramatiza a paizagem, apaga o reflexo brilhante das aguas, o verde flamante da mata, o azul polido do ceu. Um arrepio subito embrusca a tarde que se fez noite, imobilizando os balanços e esvasiando as gangorras altas.

A sombra de fóra valoriza as luzes do restaurante e descobre, alinhados nas prateleiras escuras, nomes evocadores: John Haig, Johnnie Walker, Marie Brizard. (Coisas que todo mundo tinha esquecido no domingo esportivo...).

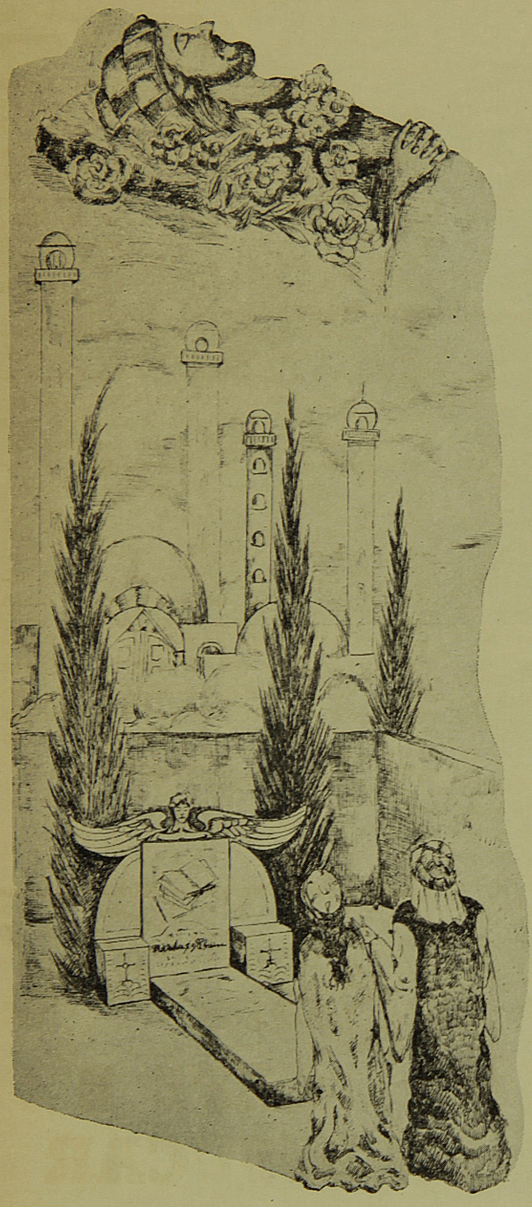
E dahi a pouco, na sombra das estradas, ha corridas loucas de farois lambendo a escuridão, deixando para traz apenas a sombra medrosa e quieta.

Elsie Lessa.

clube de campo.indd 17 7/31/13 5:14 PM

PALAVRAS *de* UM MORTO de MUNJIMAT SAMÉH

CONTO PERSA • especial para "CLUBE de CAMPO"



— Estava eu deitado sobre qualquer cousa acolchoada. Sobre o meu peito, transformado em jardineira, havia cravos, saudades, rosas, violetas e crysanthemos. Do meu lado direito, alguem soluçava amarguradamente. De quando em quando, esborrifavam-me agua e diziam: Coitado, era tão bom! — A principio, não comprehendia bem o que era aquillo; logo, porém, percebi do que se tratava: eu estava morto.

— Que frio horrivel! o perfume das flores já me incommodava. O ambiente era colorido — uns choravam; alguns contavam anedotas; outros discutiam negocios.

De repente, falou Czalish. Conheci-o pela vóz.

— Para que cemiterio váe e a que horas sáe o enterro?

Preferi não ouvir a informação, pois nunca fui bisbilhoteiro. Tratei de dormir.

. . . . . .

Acôrdo. Somno reparador. Novo ambiente. Tudo escuro. Dilato as pupillas e, aos poucos, começo a enxergar. Estou na sepultura.

— Passados tres dias, vejo minhas carnes manchadas de roxo e negro. As flores não mais exhalam perfumes. E' a orgia da podridão.

Vejo uns vermes brancos, pequeninos, sahirem do meu corpo. A taes hospedes perguntei:

— Quem sois e que quereis aqui?

— Somos larvas. Fruto de tua carne. Dentro em bréve, todo o teu corpo será nosso pasto. Rasgaremos a tua bocca, dilaceraremos o teu peito, o teu coração, a tua lingua, o teu corpo todo. Em bréve, tambem, chegarão os necrophagos, os verdadeiros comedores de cadaveres, e, então, com a necróse e a gangrena, liquidaremos a tua materia.

Era tetrica a sentença. Mas ia eu assistir ao grande espectaculo da destruição. Mais alguns dias. Afastam-se-me as palpebras e um olho, parecendo um projetil, é expellido da cavidade orbitraria e lançado sobre o meu peito. Eram os gazes da putrefação da massa encephalica, que procuravam sahida por todas as cavidades. Um bicho preto — a principio julguei tratar-se de uma larva de casca ou de batina, mas era o tal necrophago — avançou para o olho que fôra despejado de sua moradia, olho que nunca mais verteria lagrimas, e, gulosamente, devorou o quitute.

— Tambem, pudera! Olho não tem osso!!!

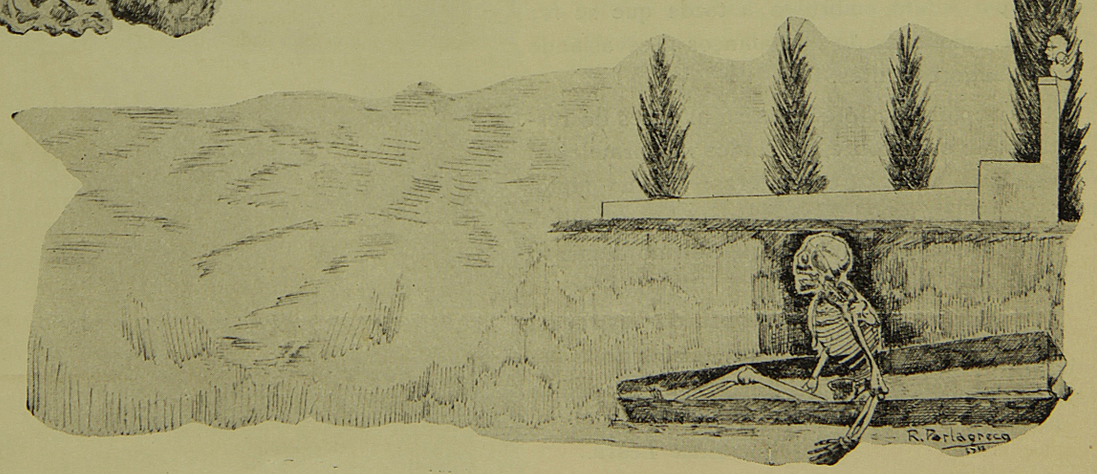
Uma perna se levanta, como que a querer bailar. Indaguei a razão daquella falta de compostura. Eram, outra vez, os gazes da podridão a se infiltrarem pelos musculos. Rasgam-se as carnes do joelho, da coxa e da perna. Sáe um liquido verde-negro. Nada mais havia, senão puz, larvas, saltões e necrophagos.

Tres anos são passados. O meu esqueleto, todo descarnado, gargalha sem parar. Sabem por que? Porque lhe comeram o coração, que soube amar; o peito, que sinceramente palpitou por muitas dôres; a bocca, que tantas vezes perdoou. Ria, ria doidamente, ria malucamente a minha caveira. Não havia mais carne, nem sangue. Os necrophagos, os saltões, as larvas, devoraram-se mutuamente.

Cinco anos são passados. Por ordem daquella que ao lado direito do meu caixão soluçara amarguradamente, agora de novo casada com Czalish, sou retirado da sepultura.

— Não ha mais nada, disse minha viuva, hoje mulher de Czalish.

E ella, aquella que foi toda minha illusão de outróra, partiu, desfallecida de prazer, agonisante de desejo. Tudo passou — o amor, a saudade, a illusão. Felizmente, no mundo, tudo se acaba... até a dôr.



clube de campo.indd 18 7/31/13 5:14 PM

CLUBE DE CAMPO DE S. PAULO

IMPRESSÕES
de um visitante

Prof. WILLIAM M. HAYNES
Traducção de M. MARIOTTO
(Banco Commercial)

Foi, não somente um grande prazer, mais ainda uma honra para mim, o convite do meu prezado amigo Prof. Luiz Silva e Exma. Esposa para passar um Domingo no Clube de Campo, em Santo Amaro. Eu já havia sido convidado anteriormente por duas vezes mas, devido a certos impedimentos, não me tinha sido possivel, infelizmente, comparecer. Fazendo-me o terceiro convite, elle me disse: "Venha ver nosso Club, venha mesmo num dia humido ou chuvoso. Você gostará e encontrar-se-á á vontade.

Domingo amanheceu; mas que Domingo! Nuvens negras cobriam o ceu e nem mesmo um debil raio de sol conseguia romper essas nuvens negras e densas. Antes de chegar á sua residencia, onde elle me esperava com seu carro ás 9 em companhia de sua esposa, as nuvens rasgaram-se e a chuva cahiu em torrentes — um verdadeiro diluvio. Partimos, a despeito da chuva, e depois de uma viagem em automovel de uns 20 minutos, alcançamos a cidade de Santo Amaro, tendo viajado numa estrada muito bem construida e asphaltada.

Deixando atraz Santo Amaro percorremos por cerca de 5 minutos uma estrada de rodagem, topando de vez em quando com poucas casas dispersas, chacaras e, uma vez ou outra, alguma venda á beira da estrada. Havia parado de chover e estavamos presentemente rodando atravez de uma floresta praticamente virgem, atravez da qual uma estrada rustica nos conduzia para o nosso destino. Encontravamos arvores altas e magestosas de variadas especies, umas na plenitude do encanto selvagem de suas flôres, outras com as gottas prateadas da chuva ainda sobre suas verdes folhagens, que brilhavam ao sol como um diadema de pedras preciosas. "Estamos agora em terreno do Club", disse a senhora, "esta estrada foi aberta para nosso uso particular e presta-se tambem para excursões a cavallo" e ahi, em nosso caminho, encontramos rapazes, socios do Club, entregando-se ás delicias da equitação. Eram jovens bem desenvolvidos, com os hombros bronzeados pelo sol, transpirando saude, braços e peitos musculosos, emfim, perfeitos especimens da raça brasileira. Mais alguns minutos no carro e chegamos a um logar aberto, espaçoso e plano, rodeado por todos os lados por canteiros de flôres, verdes gramados e, no centro, com vista para uma das represas de Santo Amaro, avistamos os pavilhões do Clube e o restaurante.

Descemos do carro, depois de nossa viagem de 40 minutos, e entramos no pavilhão. Uma modernissima construcção, com alpendres abertos e espaçosos em tres lados, cadeiras preguiçosas de lona colorida, não de estylo Mappin, mas do typo cosy porque, devemos nos lembrar que estamos num club de campo e não num club urbano. Alli a palavra de ordem é esta: "Lembre-se de que todos os nossos amigos são seus amigos", porisso não me dei ao trabalho de usar das cerimonias habituaes de apresentação; sentei simplesmente na cadeira mais á mão e apresentei-me pessôalmente ao primeiro socio que vi.

Aproveitando a parada da chuva, meu amigo levou-me para uma volta de carro atravez dos 45 alqueires de propriedade do Club, atravez de uma cerrada vegetação de pinheiros e eucaliptos. Uma estrada, com bastante largura para dois carros cruzarem, levava do pavilhão á floresta. Viajando por essa vegetação pudemos admirar uma multidão de differentes especies de aves de varias côres, cantando seus agradecimentos ao Altissimo por sua irrestricta liberdade. Viam-se borboletas de varias côres, quaes bandos de fadas, vagando pela atmosphera; pequenos beija-flôres, gemmas de belleza, procurando mel e insectos nas flôres da floresta; emfim, toda a maravilha natural da creação.

Haviamos presentemente chegado aos dormitorios do Club, localisados entre esses pinhos silvestres. Eu tinha a certeza de deparar com um moderno bungalow, porém, qual não foi minha surpresa quando vi, não uma construcção moderna e sim outra muito original, parecendo a parte externa feita com cepos de madeira, exactamente como num campo de madeiras canadense.

O interior compunha-se de uma grande sala de estar, utilisada para o café da manhã, mobilhada artisticamente e com excellente gosto, bem differente da mobilha moderna que usualmente se encontra em outros clubs. Um tronco grande e redondo, que havia pertencido a algum rei da floresta, serrado de modo a servir de mesa e ao redor delle, cadeiras feitas de troncos pequenos, com braços e pernas tirados de ramos menores. Pendurada ao centro uma grande lanterna antiga de aldeia, semelhante áquellas usadas nas lojas das velhas povoações do Oeste, e a luz electrica bem disfarçada de modo a figurar e fazer crêr tratar-se de uma lampada de azeite. Pelles de animaes ferozes estavam estendidas por toda a parte, não tendo sido esquecida nem mesmo a velha e sabia coruja por sobre a porta de entrada. Da sala de estar uma porta dava para uma sala menor, mobilhada com o mesmo estylo original da primeira, e servia de sala de leitura. Desta sala passava-se para um corredor com diversos dormitorios de ambos os lados.

Os apartamentos eram mobilhados no estylo antigo de campo de madeiras com divans e camas e mesmo com leitos inferiores e superiores como a bordo. Janellas grandes, abertas, deixavam entrar o ar perfumado dos pinheiros e eucalyptos. A mobilha menor e a installação acompanhavam o estylo original de troncos e madeira. Havia um banheiro com chuveiro cada tres quartos, com agua quente e fria, sendo a primeira aquecida por um "geyser" a carvão. Como a chuva continuava parada, a esposa do meu amigo convidou-me para um pequeno passeio a pé, atravez dessas admiraveis arvores silvestres. Passamos por um bello pomar, com fructas de varias qualidades; um grande quintal para aves, com varios especimens de gallinhas e patos de qualidade e alli, tambem, em toda a sua pompa e gloria, Sua Magestade o Peru'. Pouco abaixo encontramos uma chacara toda plantada com vegetaes de toda a especie. Suas bellas côres verdes, suggeriam a idea de um vasto mar de esmeraldas. Tambem pasamos um estabulo moderno com vaccas e porcos seleccionados, e junto a elle uma lagôa onde eram criadas carpas. Terminado nosso passeio regressamos aos dormitorios onde o Prof. Luiz Silva nos aguardava em seu carro afim de conduzir-nos á Capella do Club onde iriamos ouvir a Missa dominical. Viajando por uns 15 minutos atravez dessas florestas eu não pude deixar de pensar como havia sido possivel que, apenas a 40 minutos da cidade de São Paulo, Deus tivesse creado um pedaço de Paraizo.

Nosso carro havia parado em meio de alguns abetos e ahi, em nosa frente, estava a pequena Capella.

Era muito pequena em seu interior, tendo apenas cinco bancos de cada lado, com capacidade para cinco pessôas cada banco. O pequeno altar, no centro, com a imagem da virgem, parecia augmentar a paz desse logar solitario, e fazia com que fossem esquecidos todos os males e aborrecimentos. O Padre havia presentemente chegado e o officio divino começou. Uma senhora, socia do Club, tocou no harmonium durante a missa alguma musica sacra de Schubert.

Terminada a missa voltamos para o pavilhão do Club onde sentamos em commodas cadeiras e conversamos. A brisa agradavel das serras e o ar perfumado dos pinheiros e eucalyptos, obrigaram-me mais de uma vez a consultar meu relogio pulseira e a lançar olhares, quando não era observado, para as mesas do restaurante. Que allivio, quando o almoço foi anunciado! Essas breves horas no Club, me haviam dado um appetite de gigante. O almoço foi muito bem servido por garçons polidos e sorridentes, alimentação de campo simples e substanciosa, bem cosida e apresentada. Durante o almoço São Pedro serviu-se abrir mais uma vez as cataratas do ceu e a chuva novamente cahiu em torrentes, afastando as crianças do play-ground e os grandes do tennis, volley-hall e golf.

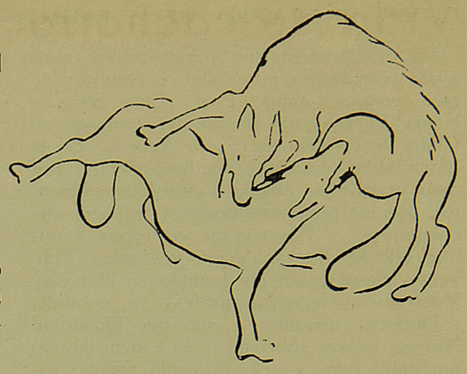
Continua na pag. 26

Sirva-se Bem!
CAFÉ E ASSUCAR
União
C.U.R.
ESTA É A MARCA REGISTRADA DA COMPANHIA DOS BONS PRODUCTOS.

clube de campo.indd 19 7/31/13 5:14 PM

PAGINA INFANTIL

Vida de Cachorro



NOVELLA para CREANÇAS

I

Pery farejou o ar, levantou as orelhas.

— Fóge, pessoal!

O Tigre, o Sultão, o Dick, a Mimosa, sentiram um arrepio pela espinha.

— O que é que ha?

— Foge, pessoal! E' a carrocinha!

Uivos e ganidos dolorosos seguiram-se ao alarme impressionante.

O Sultão rumou para o cortiço. O Tigre poz-se a correr atarantado. O Dick e a Mimosa, que viviam de namoro fechado, elle fazendo versos sentimentaes, latidos lyricamente á luz da lua, ella pondo-se a passear muito faceira, fingindo zanga, mas gostando bem... os dois dispararam, cada qual para um lado.

Na hora da carrocinha não havia amores. Era tratar da fuga.

— Cada um pra si e Deus para todos! sentenciava o Pery, que aprendera uma porção de proverbios e conceitos graves em casa do seu primeiro proprietario, e que ia traduzindo, na lingua latida, sempre que havia auditorio...

De todas as esquinas apontavam cães.

— A carrocinha!

— Olha o laçador!

E por tudo quanto era porta e buraco, até por muita janella semi-aberta, vira-latas e cachorros mais solenes, ricos e pobres se escondiam, num immenso pavor.

Até o Bobby, que era o cachorro mais garganta do bairro, pertencente a uma pequena rica e luxenta, que lhe fizera um verdadeiro palacio no quintal de casa, até o Boby não escondia o temor.

Como elle tinha colleira e andava com o imposto sempre em dia, pavoneava-se deante dos amigos:

—Carrocinha é pra cachorro sem dono... pra cachorro vagabundo Commigo elles não abusam...

E contava orgulhoso que, mesmo que fosse laçado por aquelle odioso empregado da Prefeitura, a Albinha, como elle chamava, muito confiado, a sua linda proprietaria, iria buscal-o a qualquer preço.

— A Albinha me bota em liberdade mesmo a peso de ouro... Ella é louca por mim...

Mas embora fingisse não ligar, o proprio Bobby estava só esperando a rua ficar vazia, para zarpar tambem, contanto que ninguem visse...

— Não! Com esse negocio de governo não se brinca. A carrocinha não respeita nem cachorro decente... E commigo ninguem tira sabão, isso é que não!

O corre-corre continuava. Já ninguem latia, para não despertar a attenção. De orelha em pé, tremulos e offegantes, os pobres cães esperavam.

Numa casa proxima, um garoto levado pisou no rabinho curto do Cotó.

— Canhenhem... Canhenhem...

— Cala a bocca! protestaram raivosos, de todos os cantos e buracos, os pobres cães foragidos.

— Fecha essa porteira, rosnou o Tigre, furioso.

— Vae dar de mamar pr'aquelle nenem, ladrou baixo, assustada, a Pimpona, operosa progenitora do Sultão, do Tigre e de varios cães que se haviam perdido, mal attingiam a maioridade, por esse mundo de Deus...

— Me pisaram no rabo, explicou o Cotó, já com medo de apanhar dos amigos.

E se não fosse o horror da situação, com o perigo da carrocinha, que já vinha perto, teria sido uma gargalhada geral entre os fugitivos, ante a pilheria do Tigre:

— Puxa! Quem será esse Pedro Alvares Cabral que descobriu rabo no Cotó, pra pisar?

E poz-se a agitar satisfeito, a cauda longa e nervosa, quando, de repente, um silencio mortal encolheu todos elles. A carrocinha chegara.

II

O laçador vinha ao lado, a pé, de olho para todos os cantos, a ver se encontrava o que pegar.

O Pery rosnou, quasi comsigo mesmo:

— Carrasco indecente! Quer fazer sabão com a gente? Pois vá lamber sabão, seu bandido!

E trincou os dentes fortes, que de bom grado cravaria na barriga da perna daquelle mulatão bexiguento e reforçado...

Subito, um oh! de espanto e pena, oh! exclamado na lingua latida, petrificou os pobres cães transidos de medo.

Dobrara a esquina, distrahido, desavisado, um velho vira-lata magro e escanifrado, "que não tinha coleira e não pagava imposto".

Lá vinha elle — toc-toc-toc — lento e lerdo, faminto e cansado, com um geito de profunda tristeza e desamparo.

— Coitado do Fiel... Vae cahir, direitinho, na bocca do lobo...

Nenhum se atrevia a gritar, para avisal-o. Seria denunciar-se. E a torcida silenciosa pelo pobre vira-lata sarnento apertava o coração de todos.

O Fiel vinha vindo.

— Mas o Fiel está louco!

— Mas elle está querendo morrer!

— Mas isso é um suicidio! O Fiel está ficando "tresloucado", pensou consigo mesmo o Bobby, amigo de applicar palavras difficeis, que ouvia em casa dos patrões, quando liam jornaes.

E o Fiel, lento e lerdo, vinha chegando. Não via a carrocinha nem o mulato bexiguento...

— Será que elle está pensando que aquillo é carrocinha de leite?

O Fiel parou distrahindo, mettendo o focinho num boeiro. Farejara comida. Cheirou, continuou. Estava cada vez mais perto...

— Chi! Elle vai se entregar...

— Qual! pensou o Pery. OFiel parece do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça...

Emquanto isso, o velho Fiel, o cachorro mais estimado do bairro, avô e bisavô de

clube de campo.indd 20 7/31/13 5:14 PM

Vida de cachorro

quasi todo o mundo, parou, muito socegado, coçando a orelha.

— Olhem se isso é hora de catar pulga! disse a Mimosa, com o coração pequenino de pena...

Felizmente o mulato não déra pela historia. Olhava, olhava, sem ver.

Pery, que tinha grande experiencia dos homens, chegou até a pensar:

— Quem sabe se o Fiel está fazendo isso de proposito? Vae ver que elle subornou o laçador, deu alguma gorgeta... Essa raça é assim mesmo... Mostrou dinheiro, elles se vendem logo...

E fez um focinho de nojo:

— Esses homens!

Um novo incidente veiu provocar maior emoção.

— Canhenhem... Canhenhem...

Canhenhem, que segundo o diccionario latido-portuguez queria dizer soccorro, era a palavra angustiosamente clamada pelo Gibi, que Perone, açougueiro violento e vermelhão, vinha trazendo pelo pescoço.

— Canhenhem... Canhenhem...

Pobre Gibi! Estava liquidado...

Ouvindo o latido, o mulatão odiado voltou-se para o açougueiro, agarrando o cachorro e pondo-o, muito feliz, na carrocinha.

— Deus lhe pague, seu Perone.

— Niente, signore. Agradeço io... O disgraziato...

Cada qual no seu esconderijo, todos os cães trincaram a dentuça, prometendo vingança...

— Carniceiro ordinario!

— Mentiroso de uma figa!

Todo o mundo sabia que o Gibi, além de ser um cachorro honesto e trabalhador, era de uma grande timidez. Gibi seria infazer aquillo era a criançada do Silva, que "batia" fructas na quitanda e doces no armazem. O Gibi quando muito, pegava osso que encontrava no chão...

— E cada osso duro de roer!

O Perone só joga fóra osso que o freguez não acceita, mesmo. E ainda assim, parece que o bandido lambe o osso, antes de jogar no chão...

Mas lá se fora o Gibi!

Só então Fiel deu pela coisa, escondeu o rabo entre as pernas, como quem não queria ser notado, e foi sahindo devagarinho, devagarinho...

Mas Perone — êta carniceiro bandido! — viu o Fiel e denunciou:

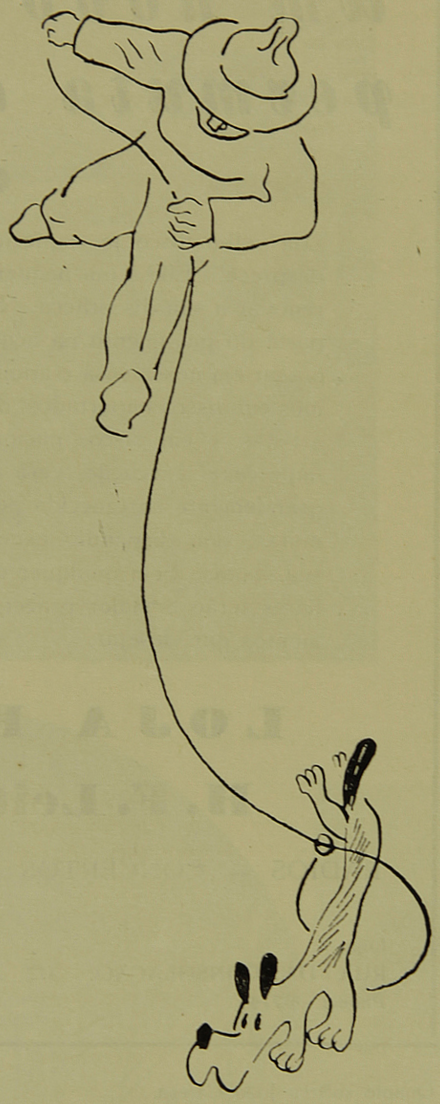
— "Guardi quello li, signore! Guardi quello cachorinho..."

Chegara a vez do Fiel... o Fiel tambem ia virar sabão... O mulatão ergueu a corda no ar e já ia soltar o laço, quando o Pery, o mais valente e decidido vira-lata do Bom Retiro, sahiu audaciosamente do buraco:

— A mim, pessoal! O Fiel ninguem leva! O Fiel é sarnento, mas é o melhor cachorro deste mundo! Foi o Fiel que nos ensinou a latir! Foi o Fiel que nos ensinou a cavar a vida! Do Fiel ninguem tira sabão!

E com clamores e latidos energicos, convocou os companheiros.

De tudo quanto era canto e buraco surgia um cachorro de dentuça arreganhada. Bull-dogs, cães de rua, perdigueiros e mateiros, desfibrados pela vida da cidade, rateiros e guarda-casas, vinte, trinta cães assanhados, com latidos de guerra, apontavam de todos os lados.



E teve inicio a batalha...

III

Realmente, foi uma coisa séria...

A luta começara de maneira absolutamente inesperada. O mulato bexiguento, que havia 10 annos trabalhava como laçador de cães, papel vergonhoso e cruel de carrasco, jamais contaria com uma reacção daquelle genero.

Desde que assumira o cargo, emprego que obtivera por ter votado no Coronel Fulgencio, influente cabo eleitoral no seu bairro, o Manecão estava acostumado a agir sem perigo nem sustos.

Onde chegava, era o terror da canzarria. Erguia o laço no ar, dava duas, tres voltas, e záz! — era um cão p'ro beleléu! — Com o tempo conseguiu uma pericia imcomparavel. Raramente perdia uma laçada. Zun! zun! zun! cachorro no papo!

Havia até vencido varios campeonatos entre os seus collegas de outras carrocinhas. Era quem pegava mais cães. Voltava, tres, quatro vezes por dia ao deposito para esvaziar a carrocinha rumorosa, cheia de ganidos e mios dolorosos de quem já se sabia destinado ao martirio...

O Manecão era conhecido á distancia pelos cães. Quando viam que o laçador era outro, nem ligavam muito. Ou por falta de geito ou por bondade, o facto é que elles poucas vezes laçavam, deixando-os facilmente fugir.

Com o Manecão, nunca.

Odiado e temido, elle tinha, entre a população canina da cidade, o apellido de Nero, dado justamente pelo Fiel, que vivera muito tempo em casa de um professor de historia universal, e ouvira de seus labios, a narrativa das crueldades do celebre imperador que incendiara Roma e atirava os christãos ás chammas ou ás féras do circo.

O bexiguento mulatão ignorava o appellido com que o baptizara a raça canina. De appellido, além de Manecão, o unico que conhecia era o de Campeão das Morenas, que elle mesmo se dera...

Convencido como elle só.

Foi, portanto, uma surpresa enorme, para quem, como elle, só estava acostumado a ver cães em desabalada fuga e correria, contemplar um cachorro que sahia de um vão de porta a latir furioso, em sua direcção.

* * *

ASPIRAÇÃO

Paulo Mendes de Almeida

A lua...
O mar...
Uma ilha...
E na ilha,
entre jardins,
branquejando
ao luar,
uma casa...
E nessa casa...: tu!
Tu — perfumando
isso tudo!
Ou tu, até mesmo
sem nada:
sem a lua,
sem a casa,
sem a ilha
e sem o mar!...

clube de campo.indd 21 7/31/13 5:15 PM

UM HOMEM DISTRAHIDO

MONOLOGO INFANTIL

João Caréca era um sujeito
De tal fórma distrahido
Que esse appellido acceitou
Por ter o nome esquecido.

Calçava as meias nas mãos,
Usava nos pés as luvas,
Dava pesames ás noivas
E parabens ás viuvas.

Usava chapeu em casa
E isto, então, já dava dó,
Enfiava as pernas magrinhas
Nas mangas do paletó...

Uma côr em cada pé
Era a coisa mais frequente,
Já era café-pequeno
Que nem divertia a gente...

Bem mais grave e não mais raro,
Era vê-lo se esforçar
P'ra calçar o pé de meia
Depois da bota calçar...

Sua estranha distracção
Era tanta e tão immensa,
Que até na mesa o coitado
Deixava a gente suspensa...

Chegava sempre atrazado,
Sahia sem ter comido,
Uma vez mordeu a toalha
Pensando que era o cozido...

Comia pimenta pura
Em vez de comer tomate,
Bebeu um prato de alface
Julgando ser chocolate...

Co'a faca tomava sopa,
Cortava a carne a colher
Picou um frango com raiva
Pensando que era a mulher...

Toda a agua mastigava,
O arroz bebia, o feijão.
Pediu a mão de uma jovem,
Pensando que era ... mamão...

Uma vez foi bem mais longe,
— E a desgraça não foi pouca... —
Botou a boia no bolso
Pensando botar na boca...

Com ar de fome canina
Uma vez elle devora
A casca, e somente a casca,
Jogando a banana fóra...

Um dia entrou no engraxate
Mais serio que Napoleão,
Dizendo, solenne e grave:
— "Barba só, cabello, não"...

Numa bella sexta-feira,
Sexta-feira da Paixão,
Elle quiz entrar na "Light"
Para comprar ... "camarão"!

A's vezes se atrapalhava
E chegava a fazer feio:
Esquecia onde era o emprego,
Se na Ford ou no Correio...

Quanto soffreu João Caréca,
Que hoje está na cova rasa!
Dormia ás vezes na rua
Por ter esquecido a casa...

Mas triste, tragico, horrivel,
Foi o fim de João Caréca
Que pasou a vida inteira
Jogado como petéca...

Morrendo-lhe um dia o avô,
Vê-lhe a cova e tão absorto
Estava, que se enterrou,
Pensando ser elle o morto...

A L V A R O M O R E N O

RENOVE A SUA DISCOTHECA!

Di Franco apresenta

Um novo systema: permuta de discos!

Um velho disco já esquecido e sem interesse? Não o despreze! Elle é um pequeno capital com o qual poderá renovar a sua discotheca. Nossa casa acceitá-lo-á como parte do pagamento na acquisição de novos discos. Se passar em nossa casa e admirar as novidades que possuimos em discos importados, de grandes fabricas e famosos artistas, e em discos nacionaes de gravação perfeita e impeccavel execução, verá que sua discotheca pode ser grandemente enriquecida pelo nosso novo plano de permutas, sem dispendio excessivo. Dê-nos o prazer de sua visita. Sem qualquer compromisso, os nossos auxiliares terão o maior prazer em prestar-lhe os esclarecimentos que desejar.

LOJA PHILCO

H. F. Leite de Assis

RADIOS — CONCERTOS — MONTAGENS — DISCOS

Loja:
RUA DA CONSOLAÇÃO, 372
Phone: 4-7744

Departamento Technico
RUA DA CONSOLAÇÃO, 362
Phone: 4-7755.

VELOCIDADE

Lembramos aos srs. motoristas que a velocidade maxima, dentro dos limites do Clube de Campo de S. Paulo, é de 30 kilometros. A Directoria pede aos consocios e visitantes que observem rigorosamente essa determinação, no interesse de todos.

clube de campo.indd 22 7/31/13 5:15 PM

BARROS, o MULATO, vae expor

Só se diz Mulato quem pensa que o não é, ou quem tenha em si a Força bastante para enfrentar os preconceitos sociaes. Esse pintor que se vae apresentar brevemente a S. Paulo tem a audacia de se dizer Mulato, sendo e sabendo. E' que sabe tambem da sua força, do seu valor, a que S. Paulo vae dar merecida consagração, ainda este mes.

clube de campo.indd 23 7/31/13 5:15 PM

ONDE ESTÁS, FELICIDADE?

Desde que existe o homem, houve sempre a luta pela Felicidade. E' em busca desse dom precioso que homens e mulheres caminham. A felicidade está ás vezes num olhar de mulher. Outras vezes, desilludido, vae o homem buscá-la no copo de vinho ou na inspiração cara e loura de um whiskey tentador. Nem todos porém procuram a felicidade por meios complicados ou mesmo perigosos. A felicidade refugia-se muitas vezes nas coisas mais simples. Dahi mesmo certas crendices ingenuas. Os objectos que dão sorte, por exemplo... A ferradura, com um determinado numero de cravos, o poetico trevo quatrifolio, de que fala o poeta, o pé de coelho e outros amuletos são universalmente procurados como portadores da sorte. E como a vida está cheia de contrastes quotidianos, homens que vencem facilmente, ás vezes sem cultura e sem qualidades, emquanto que outros nada conseguem, quando tudo os parecia predestinar para uma victoria segura, toda a gente procura logo nos poderes transcendentaes de mascottes estranhas a explicação da coisa...

Foi essa crença, que surgiu da convicção de alguem, hoje prosperamente estabelecido em S. Paulo, que tornou populares e procuradissimos os moveis da nossa casa. Visitando o escriptorio de conhecido advogado, nesta capital, um dos nossos directores notou, entre moveis riquissimos, uma modesta mesinha de nossa fabricação. "Que faz ella aqui?" "E' a minha mascotte", respondeu elle. "Comecei com ella a minha carreira, fiz um sucesso rapido, e não a quero abandonar."

Comprehendemos, então, a razão por que muitos advogados e pessoas de sociedade, ao procurarem os nossos moveis, diziam, sem que soubessemos porque: "Dizem que os seus moveis dão sorte..." A verdade é que os nossos negocios continuaram a crescer e os clientes de uma vez voltavam sempre. Boa crença, boa propaganda espontanea... Hoje os moveis das Marcenarias Reunidas são conhecidissimos como os moveis que dão sorte, os moveis procurados pelos que começam a sua carreira... Se dão sorte, elles o sabem, elles que o dizem. Nós, por nossa parte, uma coisa podemos garantir: são da melhor qualidade e vendidos por preço muito inferior ao seu justo valor!

MARCENARIAS REUNIDAS
RUA DO CARMO, 11, -
Telephone: 2-6012.
SÃO PAULO

REGRESSO

MARIO DA SILVA BRITO.

Amargurei-me na distância
e por isso volto.

Volto á procura de mim mesmo,
perdido que estou na tua presença.

Sim:
contemplei paisagens confortadoras;
tive sois amigos e luas amantes;
vi rios, matas, montes e planicies;
escutei música de pássaros despreocupados;
as flôres deram-me o seu melhor perfume.

Mas não importa
o que não fui capaz de possuir.

Nada me pertencia.
Nada me refletia.

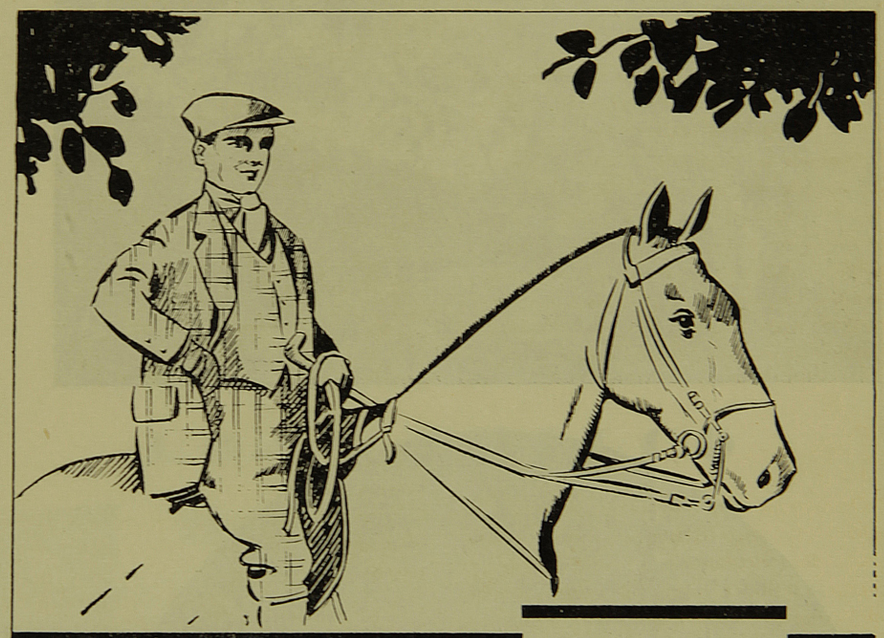
Volto para o teu corpo;
aos teus ólhos eu estarei em mim.

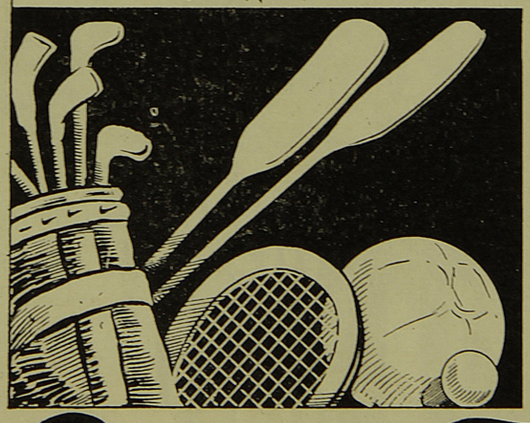
A distância entretanto
mutilou nossa harmonia:
não me beijas; não me sorris;
nenhuma alegria; nada de ternura;
— apenas nós que nos achamos.

Que importam sois e luas?
De que valem flores orvalhadas?
E zumbidos de abelhas?
E passarada enlouquecida?

Onde os rios, as matas,
montes e planicies?
Onde a nossa presença?

Sim:
perdido, perdido eu me sinto:
não tenho tua alma,
não tenho paisagem.
Amargurei-me na distância;
fugiste no espaço e no tempo.





OS MAIS AFAMADOS
ARTIGOS PARA
ESPORTE
E PARA
MONTARIA,
IMPORTADOS DAS
MELHORES
PROCEDENCIAS.

Casa Fuchs

clube de campo.indd 24 7/31/13 5:15 PM

MUSEU DE CERA

EFFICIENCIA SOVIETICA

(Walter Winchell)

Um americano visitava uma grande fabrica sovietica de signaes luminosos.

— Nosa producção semanal, disse-lhe com orgulho o cicerone, é de 500 signaes. Mas quando os pedidos augmentam, sendo preciso, podemos elevar a produção até 2.000.

— Assombroso! disse o visitante. A proposito, quaes são os dizeres dos signaes que os srs. fabricam?

— "O elevador não funcciona", foi a resposta.

———

ESTATISTICA

Existe em Nova York uma agencia particular de detectives, especializada em descobrir pessoas desapparecidas.

Segundo o "Collier's", desde a fundação da agencia foi a mesma procurada por 70.000 esposas cujos maridos haviam abandonado o lar ou esquecido o seu caminho. No mesmo espaço de tempo, o numero de maridos que haviam pedido á mesma agencia que lhes descobrisse as respectivas esposas, subira apenas a 15.

———

EM TEMPO DE GUERRA...

Dois jornaes da California, desejosos de orientar os seus leitores no meio da farafunda dos telegrammas e noticias sobre a guerra, clasificam-nos em quatro grupos, por meio de iniciaes que, transpostas em português, seriam as seguintes: — P. — propaganda; P.P. — parece propaganda; P.A. — parece authentica; O. — oficial.

Se os nossos jornaes não quiserem, não precisarão adoptar a medida. Mas concordemos: essa deveria ser a attitude de cada leitor...

———

DE MARK TWAIN

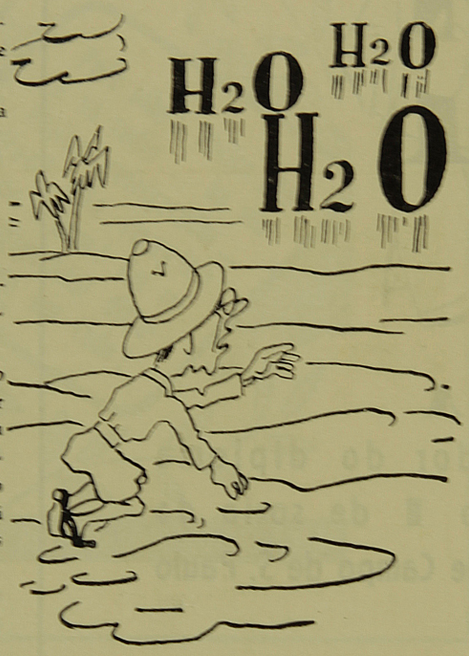
Certa noite, em Nova York, um grupo de amigos de Mark Twain lembrou-se de que aquelle dia era o aniversario do pae de TOM SAWYER. Resolveram, então, mandar-lhe uma carta de parabens, assignada por todos. Mas ninguem sabia onde andaria elle. E por unico endereço, puseram no enveloppe: "A Mark Twain, sabe Deus onde".

Semanas depois chegava a resposta, de uma cidade qualquer da Italia, concebida em duas unicas palavras: "Elle sabia".

———

O Difficil é aquillo que pode ser feito imediatamente; o Impossivel, aquillo que demora um pouco mais.

George Santayana.



Entre todas as estranhas coisas que os homens esqueceram, o mais universal lapso de memoria que existe é aquelle que levou os homens a olvidarem que vivem numa estrella.

G.K. Chesterton.

———

ACCIDENTE

Abastado comerciante nesta praça projectou-se, certa vez, com o seu carro, contra um caminhão da Antartica, parado á porta de uma confeitaria. Com o choque, dezenas de duzias de garrafas de cerveja viram-se immediatamente inutilizadas. O chauffeur, naturalmente horrorizado e enfurecido, investiu contra o honrado importador:

— Paga! Paga! O sr. tem que pagar o prejuizo!

Elle, porém, não se apertou:

— Pagar? Eu? A cerveja perdida? O sr. está doido! O sr. não imagina o sacrificio que eu faço para pagar o que bebo, e ainda quer que eu pague o que não bebi? O sr. está doido, meu amigo!

E veiu para o Clube de Campo.

INCENDIO

Vão dar aviso aos primeiros
Sineiros!
Bão, bão, bão, bão, bão, bão, bão!
Depressa! que incendio lavra
— Palavra! —
Dentro do meu coração!...

As chammas dos olhos della
— Da bella
Pela qual suspiro em vão,
Intenso fogo atearam,
Deitaram
No meu pobre coração!

Ai! agora que um Ministro
Sinistro
Estab'lece a cremação,
Antes do corpo cremeado,
Coitado!
'Stá sendo meu coração!

Mas as labaredas crescem,
Recrescem,
Cada vez mais vivas são!
Felizmente no "Seguro"
Seguro
Tenho, ha muito, o coração!

Que não contava, protesta,
Com esta
Forçada liquidação.
O pobre vate, coitado!,
Privado,
Privado de coração!

Venham, senhores bombeiros,
Ligeiros!
Tragam bombas de tracção!
— Ai, menina, os teus olhares
Pelos ares
Puzeram-me o coração!

Eu não contava com isto!
Por Christo,
Que incendio, que combustão!
Circumscrevam-m'o depressa!
Não cessa
De me arder o coração!

Mas os bombeiros debalde,
De balde
Bomba, esguicho, **et cetera**, estão!
Cada vez mais se propaga
— Que praga!
O fogo em meu coração!

———

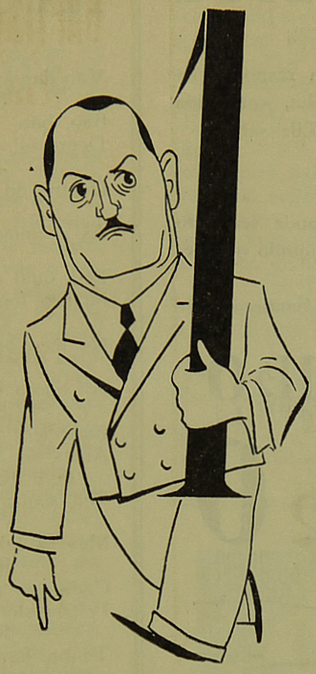
Oh! tu, que a culpa tiveste,
Te veste,
Te veste e vem para cá;
Deves o coração que arde
Tratar de
Tratar de apagal-o já!...

———

Voltae, bombeiros, ao posto!
Eis extincto o fogo posto
Pelos teus olhos bregeiros...
Que disse eu?
O que não fez o corpo de bombeiros
Fez o teu...

JOAQUIM SERRA.

clube de campo.indd 25 7/31/13 5:15 PM



FORMIGA

portador do diploma
numero 1 de socio do
Clube de Campo de S. Paulo

VENDEDOR

numero 1 de
carros Ford

OFFERECE

vantagens numero 1
aos socios do clube n.º 1
Clube de Campo de S. Paulo.

CORNALBAS & FORMIGA LTDA.

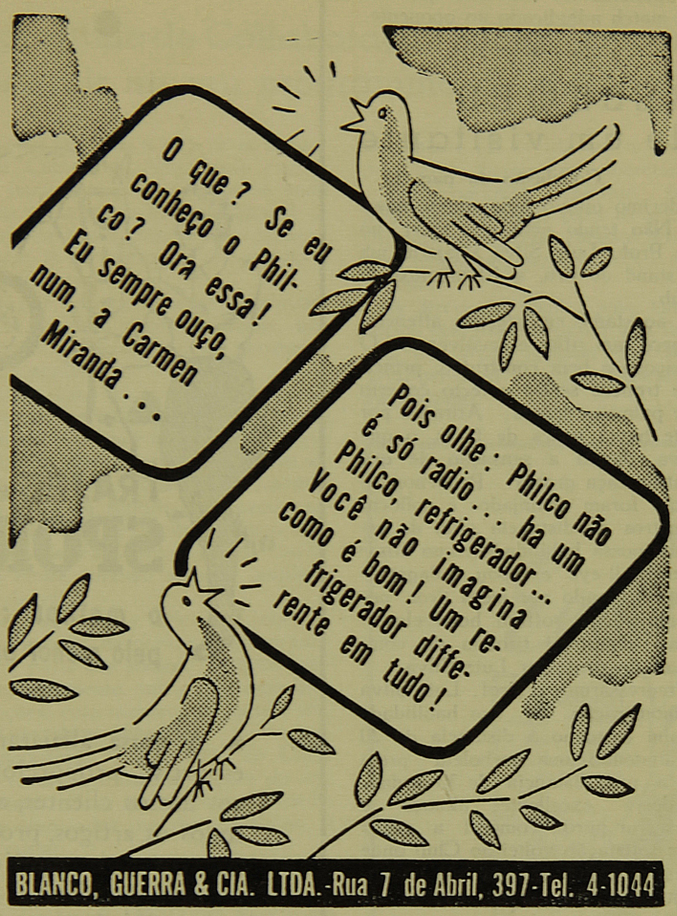
RUA FREDERICO STEIDEL, 156
Phone: 5-1834 SÃO PAULO

NOVOS SOCIOS

Continua a crescer o quadro social do Clube de Campo de São Paulo. De 30 de outubro a fins de fevereiro foram admittidos mais os seguintes:

780 - José de Barros Martins — Proponentes: Paulo Leite de Assis e Gustavo Carrano — 781 — Carlos Del Claro — Proponentes: Pedro Leão Velloso Wahmann e Avary dos Santos Cruz — 783 - Fabio Ruy Monteiro Galembeck — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Luiz Assumpção Fleury — 784 - Aurelio Gelpi — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Cincinato Cajado Braga — 785 - Dr. Agenor Prado — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Luiz Assumpção Fleury — 786 - José Fernandes de Queiroz — Proponentes: Adhemar Machado Sant'Anna e Avary dos Santos Cruz 787 - Norman Bernardes — Proponentes: Luiz A. Fuzaro e Luiz P. de Tullio — 788 - Leopoldo Figueiredo Junior — Proponentes: Antonio Casari e Avary dos Santos Cruz — 789 - Eduardo Cané — Proponentes: Antonio Casari e Avary dos Santos Cruz — 790 - Abelardo Marcondes dos Santos — Proponentes: Luiz A. Fuzaro e Avary dos Santos Cruz — 791 - Cicero Severino de Alencar — Proponentes: Luiz A. Fuzaro e Avary dos Santos Cruz — 792 - Cyro Ruiz — Proponentes: Luiz A. Fuzaro e Everaldo de A. Santos — 793 - Nelson de Carvalho — Proponentes: Gustavo Carrano e M. J. Gonçalves Junior — 794 - Dr. Paulo Leme da Fonseca — Proponentes: Luiz A. Fuzaro e Origenes Lessa — 795 - Annibal Mendes Gonçalves — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Luiz Assumpção Fleury — 796 - Sylvio de Azambuja Brandão — Proponentes: José de Queiroz Mattoso e Gustavo Carrano — 797 - Delfin Blanco — Proponentes: Origenes Lessa e Avary dos Santos Cruz 798 - Domingos Pereira de Carvalho Neto — Proponentes: Alvaro de Assumpção Filho e Avary dos Santos Cruz — 799 - Domingos Robinson Marinho — Proponentes: Benjamin Roberto Baptista e Luiz Assumpção Fleury — 800 - Bento Luiz de Al-

clube de campo.indd 26 7/31/13 5:15 PM



meida Prado — Proponentes: Nelson de Carvalho e Luiz Assumpção Fleury — 801 - Orlando Caiuby Novaes — Proponentes: Celso Caiuby Novaes e M. J. Gonçalves Junior — 802 - Sylvio de Almeida Sampaio — Proponentes: Cid B. de Castro Prado e Antonio E. de Barros Filho — 803 - H. D. A. Agache — Proponentes: L. R. Sanson e Avary dos Santos Cruz — 804 - Antonio Ramos da Silva — Proponentes: Luiz A. Fuzaro, José Peres de Oliveira e Ulysses Ferreira — 805 - Gabriel Monteiro da Silva — Proponentes: Ulysses Ferreira Guimarães e Luiz A. Fuzaro — 806 - Caio Monteiro da Silva — Proponentes: Ulysses Ferreira Guimarães e Luiz A. Fuzaro — 807 - Nicanor Garcia — Proponentes: Celio Ferreira de Freitas e Avary dos Santos Cruz — 808 - Fernando Marrey — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Luiz Assumpção Fleury — 809 - Eduardo de Medeiros — Proponentes: Luiz Gonzaga de Assupção e Bento Lacerda de Oliveira — 810 - Oswaldo M. Galembeck — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Luiz Assumpção Fleury — 811 - Otto Schreuders — Proponentes: Gustavo Carrano e Luiz Assumpção Fleury — 812 - Otto Ribeiro de Medeiros — Proponentes: Plinio Barretto e Avary dos Santos Cruz — 813 - Haroldo de Azevedo Sodré — Proponentes: Plinio Barretto e Avary dos Santos Cruz — 814 - Cesario Mathias — Proponentes: Bento Lacerda de Oliveira e Luiz Gonzaga de Assumpção — 815 - Nicanor Alves — Proponentes: Henrique dal Poggetto e Cyro de Freitas Guimarães — 816 - Abelardo Bernardino Alves — Proponentes: Francisco Macedo e Cyro de Freitas Guimarães — 817 - João Jorge Ferreira — Proponentes: Cyro de Freitas Guimarães e Luiz Assumpção Fleury — 818 - Henrique Jorge Guedes — Proponentes: Avary dos Santos Cruz e Luiz Assumpção Fleury

BAPTISTA FERRAZ & CIA.

Importadores

Artigos para lavoura e industria em geral
Benzo-Creol e demais desinfectantes.
Chapas de cobre galv., latão e etc.
Desnatadeiras, deslocadores, desintegradores, dobradiças.
Eixos para transmissões, enxofre, extinctores para incendio.
Ferragens em geral para construcções.
Gachetas para todos os fins.
Injectores e ingredientes diversos.
Juntas para correias.
Kaol para limpeza de metaes.
Latas para leite e demais artigos para lacticinios.
Machinas diversas.
Niveladores para estradas.
Oleos para lubrificação e pintura.
Parafusos de todos os typos, pulverizadores.
Rebolos carburundum e naturaes.
Serras para todos os fins.
Tubos de cobre, galv. e etc. - tintas seccas e preparadas.
Uniões para eixos e tubos.
Valvula para agua e vapor.
Zinco em chapa e em ligotes.

BAPTISTA FERRAZ & CIA.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 47
End. Telegra.: "Batafaz"
Tels.: 2-6488 e 2-7720
Deposito: Rua Garibaldi, 1.
Caixa Postal: 2669
SÃO PAULO

clube de campo.indd 27 7/31/13 5:15 PM

NOSSA ESTANTE

Conclusão da pag. 11

A história dos dias de terror da Revolução e da fuga aventurosa de Alia Rachmanova, encontra-se em seu primeiro livro "Estudantes, Amor, Tscheca e Morte". Exilada em Viena, começou sua luta pela vida, vendendo leite no mercado de Naschmarkt. Suas amargas experiências induziram-na a escrever sua primeira novela — "Diário de uma exilada russa", — agora apresentada ao publico brasileiro através de uma primorosa tradução de Esther de Viveiros, diretamente do original alemão "Milchfrau in Ottakring".

O livro reune os diários autenticos da autora, logo após a sua expulsão de Moscou. Não foram objeto de nenhuma alteração ou corte, fixando integralmente, com empolgante naturalidade, sua história dolorosa, — o heroismo de uma mulher acostumada ao conforto e luxo, que se vê por uma reviravolta do destino desterrada para terra estranha, sem recursos, sem conhecidos e ainda com os encargos de sua familia composta do espôso e filho.

Dostoiewski disse com muita sabedoria: "O heroismo de um minuto, de uma hora, é mais fácil do que a coragem silenciosa de cada dia. Imagina a monotona uniformidade da vida quotidiana, cheia de dedicações que ninguem louva, de heroismos que passam despercebidos, sem despertar o interesse de quem quer que seja por ti. Aquele que continua a ser um ente humano a despeito dessa plúmbea atmosfera, é um herói, em toda a extensão da palavra".

E é a história heroica de Alia Rachmanova que encontramos nas emocionantes páginas do "Diário duma exilada russa".

* * *

ETIQUETA DO TENNIS

Conclusão da pag. 2

oportunidade de o fazer, ou mostrar tamanha falta de criterio a ponto de discordar da opinião de um arbitro.

9 — Farei os mais sinceros esforços para ser pontual em todos os compromissos. Se é meu desejo retirar o maximo prazer do jogo, que foi combinado, não ameaçarei a realização desse desejo se a minha falta de pontualidade fizer que o meu amigo fique indisposto.

Além do mais, a observação ensinou-me que os jogos de torneio devem ser realizados dentro da mais estrita tabela e que toda vez que um jogador deixa de comparecer a tempo, todo o torneio poderá ser atrasado se o oponente for tão feliz que não tenha o seu **match** adjudicado ao oponente.

* * *

IMPRESSÕES de um visitante

Conclusão da pag. 17

este já no decimo oitavo hole course quasi completo. Não tendo mais que fazer, no momento, o Prof. Luiz Silva suggeriu um passeio ao stand de tiro, a 10 minutos de auto do Club.

Chegados ao stand, empregados attenciosos nos fornece ram rifles e revolveres. O stand é espaçoso e bem construido, principalmente de troncos sendo o tecto coberto de folhas de palmeira seccas. Atiradas por toda a parte havia pelles de feras, o que impressionava, dando a sensação de que iamos encontrar caça grossa. Pequenos alvos de cartão foram arranjados e collocados a 20 metros de distancia afim de esperimentarmos nossa habilidade eomo atiradores. Meu bull-eye escapou milagrosamente de ser victimado por meus tiros, porém seu companheiro soffreu horrivelmente devido ao admiravel tiroteio do comprido revolver do professor Luiz Silva.

Antes de regressarmos o Prof. Luiz Silva fez uma demonstração de sua habilidade acertando num cartucho á distancia de 20 jardas e abatendo uma borboleta preta que voava a uma distancia de 30 jardas.

Depois desse excellente almoço e respirando eses ar puro, comecei a sentir somno e com satisfação voltei ao Club onde estendi-me na primeira cadeira que encontrei e entreguei-me aos alvos braços de Morpheu.

Depois de ter dormido por algum tempo (graças a Deus não fui o unico) acordei, proseei com alguns socios e tomei um Sanderman's Port gelado.

Os socios do Club formam uma grande familia, o que nem sempre acontece nos varios clubs que tenho visitado.

O gerente de um banco pode ser visto conversando ou jogando xadrez com um simples empregado ou com uma estenographa. Todos elles tem a mesma idea: "Estamos aqui para esquecer nossos aborrecimentos e para gozar a vida, para admirarmos as bellezas com que Deus aquinhoou este adoravel recanto. Numa palavra estamos aqui para tornar-nos todos amigos".

Noventa e nove por cento dos socios de ambos os sexos usam vestimentas de campo, roupas commodas, calções e blusas sem mangas.

Tenho visitado alguns clubs em outras partes do Globo, como o Apple-Oriental Club de Hong-Kong, China, o Cosmopolitan do Cairo, Egypto, o Athletic and Racing Club de Calcuttá, India, e outros cujos nomes não lembro de momento, mas nunca vi ou encontrei tanta simplicidade, conforto, amizade e originalidade como no Club de Campo em Santo Amaro.

Um dia passado no Club vale cem consultas medicas, porque é uma fonte de vida e saude. Para um tratamento de repouso nada pode igual-o: para uma lua de mel (eu notei um casal de pombinhos) é um segundo ceu com toda a magestosa belleza que Deus poz na terra.

Prof. William M. Haynes.

TRAJES para SPORT

o melhor córte pelo menor preço!

● A nossa alfaiataria esportiva proporciona aos nossos clientes, em todos os artigos, prontos ou sob medida — pela excelência de sua qualidade — a mais absoluta satisfação. Oferecemos as mais recentes novidades em camisas, calças, roupas de montaria, "maillots", cápas, sobretudos "Loden", "pullovers", "cache-cols" e gravatas da afamada marca "Laco".

A nossa mercadoria não custa, vale!

CASA
SÃO NICOLAU
PR. PATRIARCA, 8 - S. PAULO
PANAM

clube de campo.indd 28 7/31/13 5:15 PM

CLUBE DE CAMPO DE S. PAULO

O "Emprestimo de Collaboração Social" com o intuito de proseguir no seu programma de melhoramentos

Desde que foi lançada, a idéa de se fundar o Clube de Campo de São Paulo encontrou apoio immediato. Evidenciou-se cada vez mais que viera preencher uma lacuna de ha muito sentida numa cidade de população compacta que já se aproxima de milhão e meio de habitantes.

Em 1939 119 novos socios entravam para o clube, numero assás animador, que bem demonstra o apoio que elle encontrou na sociedade paulistana.

Comquanto essa circumstancia venha propiciar novos recursos para que a sua directoria possa proseguir no programma que vem executando, tomou esta a iniciativa de accelerar a execução dos melhoramentos projectados e, nesse sentido, deliberou promover o lançamento de um emprestimo subscripto exclusivamente pelos socios fundadores, cujo limite maximo será de quinhentos contos de réis.

Essa idéa, exposta na séde do Clube, no dia 18 do corrente, despertou, logo, grande interesse por parte dos socios. Acceita quasi que immediatamente, iniciou-se uma lista de subscripções, cujo numero, no mesmo dia, era verdadeiramente animador.

Assim encorajada, a directoria do Clube de Campo resolveu diffundir a idéa do emprehendimento. Com tal objectivo expediu aos demais associados, no dia 20 ultimo, a seguinte circular:

"Desejando a directoria do Clube de Campo de São Paulo resolver o pagamento do restaurante das terras (350:000$) bem como construir o novo restaurante (200:000$), lembrou-se de offerecer aos seus dignos socios uma formula de contribuição de molde a compartilharem para o exito da execução desse programma ,o qual passa a expor em linhas geraes:

I — Pelos actuaes estatutos (cap. III "Das contribuições" art. 12) — "A contribuição annual será de 300$ para os socios fundadores e effectivos e o seu pagamento será feito por semestre, adiantadamente, em duas prestações iguaes;

II — O associado emprestará ao club a importancia de 5:000$ (cinco contos de réis), a juros de 6% ao anno (300$).

III — O associado subscriptor do emprestimo ficará "ipso facto", em virtude do item 2.°, isento do pagamento de sua annuidade até que seja integralmente reembolsado da importancia emprestada.

IV — Esse emprestimo, feito ao prazo maximo de 10 (dez) annos, será resgatado com sorteios annuaes de dez ou mais titulos, de accôrdo com as possibilidades financeiras do clube.

V — O limite do emprestimo será de ... 500:000$ (quinhentos contos de réis), dividido em 100 (cem) titulos de 5:000$ (cinco contos de réis), cada um.

VI — Como o club tem os seus bens desonerados, os subscriptores, estão, portanto, perfeitamente garantidos.

VII — Sómente aos socios fundadores será facultado subscrever o emprestimo ora lançado, do qual, outrosim, será fornecido documento em devida ordem, assignado pelo presidente, thesoureiro e secretario do Clube.

Est programma constitue, sem duvida, uma opportunidade para os srs. socios cooperarem no engrandecimento do Clube e com real vantagem (juros de 6%) e amplas garantias.

A directoria confia, pois, em que os srs. socios comprehendendo a alta finalidade que tem em vista, venham ao seu encontro, prestigiando-a para o completo successo do emprestimo.

Espera ainda a directoria, que os srs. socios se capacitem da necessidade que constitue para a nossa metropole de um clube como o Clube de Campo de São Paulo, pelo que antecipa seus agradecimentos pela valiosa cooperação que receber.

Eusebio B. de Queiroz Mattoso, presidente; Avary dos Santos Cruz, vice-presidente; Luiz A. Fleury, 1.° thesoureiro; Manuel J. Gonçalves Junior, 2.° thesoureiro; Henrique dal Poggetto, 1.° secretario; e Adalberto Bueno Neto, 2.° secretario".

OS SUBSCRIPTORES DO EMPRESTIMO.

Seis dias após ter sido lançada a idéa em apreço, já se encontrava virtualmente co-

clube de campo.indd 29 7/31/13 5:15 PM

O LIVRO DE UM REPORTER

R. MAGALHÃES JUNIOR

Acaba de ser dada á publicidade "FALAM OS ESCRITORES ...", de Silveira Peixoto, livro em que se acham reunidas, já agora refundidas e acrescidas de uma porção de detalhes ainda desconhecidos do grande publico, as entrevistas que esse nosso colega de imprensa fez com os nossos intelectuais para "Vamos ler!". Para essa obra, R. Magalhães Junior, o autor consagrado de "Carlota Joaquina" e "Um judeu", escritor e jornalista, diretor de "Vamos ler!" e de "Carioca", escreveu o prefacio que reproduzimos a seguir.

Estas palavras vão servir de prefacio a um livro. Nunca me senti tão responsavel, como agora, ao apresentar este afilhado literorio. Mas, ao mesmo tempo, sinto quão desnecessarios são os padrinhos em casos como este, porquanto os livros se apresentam por si mesmos, pelo seu conteudo, pelo que trazem de novo e de palpitante no seu texto.

Os prefacios deviam ser reservados apenas para os livros vasios de sentido, para os volumes que não tivessem nada a dizer, e carecessem, realmente, de uma escóra ou, quando menos, de um acrescimo de interesse, de uma injeção vitalisante. E não é este o caso, com o volume de Silveira Peixoto, o agil reporter paulista que vem, ha mezes, devassando a vida dos homens de letras do seu Estado, com um senso muito agudo de perquirição, com uma curiosidade muito bem dirigida e orientada.

As reportagens de Silveira Peixoto tiveram o efeito de produzir um levantamento do panorama intelectual paulista, patenteando as suas altitudes, chamando a atenção do pais para uma serie de figuras sugestivas, que quasi se apagam por força da propria modestia, de um retraimento excessivo, de um afastamento completo das igrejinhas literarias que se nutrem do elogio mutuo e da troca periodica de banquetes...

Tudo quanto eu possa dizer, aqui, neste prefacio, sobre o livro desse excelente reporter paulista, é, no entanto, não só inutil, como superfluo O livro aí está. Ides julga-lo por vós mesmos.

Não me privo, porem, da alegria um pouco fatua, um pouco vã, talvez, de vos dizer que fui eu quem, atravez de algumas cronicas publicadas na imprensa, descobriu esse reporter e o poz na piugada dos escritores paulistas. Emil Ludwig — um mestre da reportagem — no seu livro "Memorias de um caçador de homens", presta homenagem a Theodoro Wolff, que o arrancou á literatura dramatica, ás poesias e aos ensaios filosoficos, para transforma-lo num simples jornalista, méro correspondente do "Berliner Tageblatt" em Londres, reconhecendo que a imprensa facilita ao escritor, ao poeta, a universalidade de que ele necessita. Silveira Peixoto acha que me deve uma parcela do seu sucesso, porque procedi, com ele, com essa esperteza de secretario de jornal, capaz de transformar um artista num entrevistador, um tecnico em cooperativismo, um musicologo, enfim, num emissario dessa inquietação branca que é o jornalismo de entrevistas.

Theodoro Wolff agiu no seu proprio interesse, encaminhando Ludwig a Londres, e no meu proprio interesse agi eu, dando a Silveira Peixoto aquela tarefa. A arte do secretario de jornal está, apenas, em saber confiar e em saber escolher. Tanto podia o nome de Wolff ter sido excluido das "Memorias de um caçador de homens" como eu deste prefacio.

Resta-me dizer, apenas, que Silveira Peixoto não me surpreendeu, revelando-se o escritor, que eu previa existir nele. Suas reportagens literarias, suas entrevistas com historiadores, romancistas, ensaistas, criticos e poetas de São Paulo, constituiram, porem, uma surpresa, pelo rico material e pelo vigoroso interesse que ofereciam.

Eu proprio, em carta, lhe sugeri a publicação dessas entrevistas num livro, lembrando o exito que haviam tido, no seu tempo, as do "Momento literario" de João do Rio. Isso já lhe havia sido, igualmente, sugerido, em São Paulo, por varias personalidades de destaque no meio jornalistico e literario.

Silveira Peixoto fez bem em seguir esses conselhos. Seu livro é um livro que tem, sobretudo, o merito de ser um documentario. Ele soube conservar, no seu papel de entrevistador, um desembaraço semcerimonioso, que é a melhor qualidade do reporter, forçando confissões, quebrando reservas, esmiuçando detalhes e episodios, com uma curiosidade que talvez dê, por vezes, a impressão de parecer ingenua e superficial, mas que tem, no fundo, uma razão de ser, de vez que corresponde á sede de minucias, de "intimidades", do leitor moderno.

Essa preocupação das entrevistas e as entrevistas em si mesmas representam um serviço prestado, não só aos leitores de hoje, como aos biografos de amanhã. Nada mais dificil, na nossa epoca, do que fazer o levantamento de certas figuras da nossa literatura, esbatidas no tempo, apagadas na distancia, sem documentação que oriente a reconstituição de suas vidas, alem de palidas e imprecisas noticias nos dicionarios e enciclopedias. Silveira Peixoto e outros entrevistadores da nossa epoca pouparão, sem duvida, muito trabalho a quem pre-

---

berta a subscripção do emprestimo, conforme se pode apreciar pelos tomadores que a assignaram, que são os seguintes srs.:

Professor Luiz Silva, dr. Nelson Ottoni de Rezende, Paulo B. Teixeira de Assumpção, João França Pinto, Alberto Goethe de Assumpção, dr. Luiz Antonio Fleury de Assumpção, dr. Adalberto Alves, Mario B. Audrá, Manuel J. Gonçalves Junior, dr. Euzebio B. Queiroz Mattoso, Celestino Paraventi, dr. Guilherme Malfatti, dr. Avary dos Santos Cruz, Benjamin Roberto Baptista, José Burlamaqui de Andrade, Alberto B. Audrá, Gabriel Teixeira de Paula, Luiz Gonzaga de Assumpção, dr. José Cardoso de Almeida Sobrinho, dr. Carlos Vieira de Carvalho, Herbert V. Levy, Antonio Casari, Luiz Assumpção Fleury, Francisco Conde, Adalberto Bueno Netto, Henrique dal Poggetto, dr. Cincinato Cajado Braga, dr. Theodoro Quartim Barbosa, Ulysses Ferreira Guimarães — (Santos); dr. Luiz A. Fuzaro, Jayme de Almeida Paiva — (Santos); dr. Oscar de Paula Bernardes, Bento de Abreu Sampaio Vidal Filho, comm. Francisco Petinatti, dr. Francisco Almeida Sampaio, dr. Christiano Altenfelder Silva, João Araujo Pinto, Antonio Moura Andrade, Dario Freire Meirelles, Ortesio de Barros, dr. Othon Barcellos, dr. Sebastião Machado de Campos, dr. Francisco Azevedo, dr. Ernesto Fonseca, José Assumpção Arruda, José dos Santos Cruz, Estevam Franco de Camargo, Emilio Heininger, Joaquim Bento Alves Lima, Anthero Mendes Leite, Lourenço Westia de Vasconcellos, Gregorio Paes de Almeida, dr. Wilton Paes de Almeida, dr. Joaquim Monteiro de Barros, José Ferreira da Silva — (Santos); Robert Kutchat, Francisco Macedo, Luiz P. de Tullio — (Rio de Janeiro); dr. Nelson Luiz do Rego, Mario Botti — (Santos); dr. A. Anthony Assumpção, Edison Leite de Moraes — (Orlandia); João Baptista do Amaral, dr. Carolino Motta e Silva, Domingos Vega, dr. F. Palma Travassos, Alcides Doria de Barros, Miguel Vicente Cury — (Campinas); dr. Nestor de Góes, Antonio Carlos da Silva Telles Junior, Antonio Rafaelli, Thimotheo José Cesario de Campos, Henrique Dumont Villares, Nicanor Garcia,, Antonio Emygdio de Barros Filho, Flavio Rodrigues, José Bastos Thompson, professor Cantidio de Moura Campos, dr. Plinio Barreto, dr. Francisco Mesquita, dr. Ibanez de Moraes Salles, dr. B. Manhães Barreto, Antonio Pompêo de Camargo — (Campinas). — Carlos Amadeu de Arruda Botelho, Alfredo Vaz Cerquinho, Bruno Marques Cruz, Estanislau Ferreira de Camargo, Benjamin Fineberg, Dr. Nicolau Longo, Alcides Baptista de Souza, Waldomiro Ferreira da Silva.

clube de campo.indd 30 7/31/13 5:15 PM

RELATORIO DA DIRECTORIA

Em seu proximo numero "Clube de Campo" publicará na integra o relatorio da directoria do Clube de Campo de S. Paulo, relativo ao exercicio findo. Por esse relatorio poderão os nossos leitores avaliar o trabalho já feito e conhecer o muito de interessante e de bom que tem o Clube em andamento.

* * *

ANDRÉ MAGINOT

Conclusão da pag. 13

os estudos desse projecto estavam concluidos. Seu predecessor Paul Painlevé, havia já decidido a realização de algumas obras nas fronteiras do noroéste e dos Alpes Maritimos. De completo accôrdo com as commissões do Exercito da Camara e do Senado, Maginot dedicou todas as suas actividades á defesa das fronteiras. Deu ao problema impulso vigoroso, e obteve do Parlamento todos os creditos para a execução rapida dos trabalhos. Consciente do drama de 1914, quiz que o Exercito estivesse preparado, que as fronteiras fossem equipadas para evitar a repetição da hecatombe que elle presenciou, no começo da conflagração européa.

Grande patriota, grande francez, grande homem de Estado, André Maginot desappareceu aos 55 annos, demasiado cedo para a França. Deixou uma obra consideravel, que, hoje, no horror de uma nova guerra, se exhibe em toda a sua enorme significação. A Linha Maginot ostenta o seu nome, como o symbolo mesmo de seu patriotismo e de seu grande coração.

* * *

O LIVRO *de um* REPORTER

Conclusão da pag. anterior

tenda, daqui a vinte anos, ou mais do que isso, fazer a biografia do sr. Monteiro Lobato ou do sr. Menotti Del Picchia, do sr. Alcantara Machado ou do sr. Fidelino de Figueiredo, do sr. Galeão Coutinho ou do sr. Guilherme de Almeida, do sr. Rubens do Amaral ou do sr. Paul Vanorden Shaw, do sr. Origenes Lessa ou do sr. Valdomiro Silveira.

"Edições Cultura Brasileira S/A", empreendendo a edição desta obra, realiza trabalho tão digno, tão meritorio quanto publicando um volume sobre o bandeirismo paulista. Porque si essa é a gloriosa e admiravel historia do passado de Piratininga, este livro é um belo capitulo da historia não menos brilhante nem menos luminosa do seu presente.

TERRENO - CLUBE de CAMPO

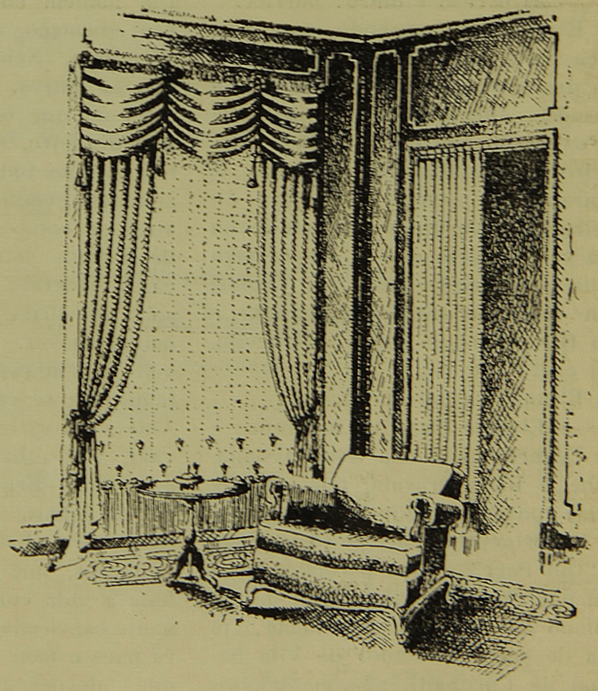
2 lotes, 20x35 m., adjacente ao clube, vendem-se.

Telephone, 8-2689.

Casa Allemã — Fundada em 1883

Superioridade notavel em

MOVEIS
TAPETES
DECORAÇÕES



POR PREÇOS QUE REPRESENTAM VANTAGENS BEM APRECIAVEIS

Schaedlich, Obert & Cia. — Rua Direita, 162-190

clube de campo.indd 31 7/31/13 5:15 PM

CHARLES BOYER NA VIDA DE UM HOMEM

Conto de ORIGENES LESSA

— Você não é amigo de tragedias? Pois eu tenho uma á sua disposição: a minha.

E como eu sorrisse:

— No duro.... Tragedia autentica!

— Já sei. Falta de dinheiro. Até você é capaz de sofrer disso... Todas as tragedias neste mundo cifram-se na falta de dinheiro. A gente pensa que está sofrendo do figado. No fundo, é falta de dinheiro para alimentação adequada ou remedio. A gente pensa que é "spleen", é prontidão. Pensa que está revoltado contra as injustiças sociais. Bem pensado, a injustiça é apenas contra a gente, que está pronta. Pensa que sofre de amor. Ilusão. Si a gente tivesse a grana encontraria logo outro amor, ou conseguiria o desejado, que sem dinheiro seria impossivel. Nós costumamos usar o amor infeliz, a paixão recolhida, a mulher inatingivel, como derivativo, como pseudonimo, de prontidão. Mais nada. Tenha o dinheiro e adeus, figado, "spleen", estomago, amor não correspondido, classe proletaria...

— Sub-paradoxo de suburbio, meu caro. E os ricos que sofrem de tudo isso?

— Ai o caso é outro: burrice.

E ficamos pensando, com preguiça de tudo. O meu amigo já tinha desaparecido da minha memoria cansada. Aquele "whisky" ia fazer-me o mesmo mal que a falta de dinheiro: esbandalhar-me o figado. E naturalmente porque me faltava dinheiro para repetir a dose, eu sentia uma vaga tristeza que se corporizava numa necessidade vadia de amor, num descontetamento esgarçado e sem fixação, numa longa melancolia, sem causa propria.

E' uma tragedia propria.

— E' uma tragedia, a minha...

Encarei-lhe a bela testa mascula, vi-lhe a linda gravata, que pagaria varias rodadas, o jaquetão que poderia importar uma caixa de comovente "Old Parr" e uma perola na gravata que pagaria uma viagem de aeroplano ao Paraguai para beber, em casa de certo plantador de Vila Bela ou de Curupaiti, não me lembro agora, a mais divina "cana" destes mundos. E tudo isso contra o meu figado: todo aquele para-beber e todo aquele não-beber. Como o seria todo aquele beber.

— Tragedia... Tragedia... Olhei-o, com preguiça de ouvir a confidencia. Ela vinha, na certa. Quando eles sabem que a gente escreve umas coisas, toda gente quer ser assunto.

— Você vai pedir outro?

— Claro! Claro!

— Então conte...

Ele chamou o "garçon"". O "whisky" veio.

— Ha coisas na vida de um homem... — disse eu, para encorajar.

— Ha coisas na vida de um homem — disse ele, — que só quem está vivendo pode aquilatar... Imagine você...

Não sabia começar. Devia ser a primeira vez que desabafava. Ficou tamborilando com os dedos na mesa. O "whisky" estava ralo. Agua impura de torneira. Eu estava triste. O homem tambem. Deu uma vontade em nós dois de falar da nossa tristeza. Ele estava pagando e tinha direito. Falou.

— A minha desgraça é o amor.

Eu ri.

— Batata...

— Acredito...

E depois de um silencio longo:

— Eu era um homem normal. Um homem como os outros. Tive boa educação, viagei, tive as minhas aventuras. Nem mais nem menos do que os outros. Talvez um pouco mais do que os outros, os que não têm dinheiro, de acordo com a sua teoria. Mas tudo direitinho. "Flirts", amantes, conquistas, fracassos, como você ou como qualquer outro. Mas de repente comecei a fazer sensação... O termo é esse: sensação. Passei a ser tiro-e-baque. Mulher começou a chover. Era uma sorte incrivel. Eu ia pela rua, via os olhares femininos se concentrando em mim. Antes, era raro ou era normal. Olhavam. Não olhavam. Gostavam. Não gostavam. Era facil. Não era. Como os outros. Mas de um certo momento em diante eu virei perigo... Criaturas, que me haviam olhado toda a vida com indiferença ou com mera camaradagem, atiravam-se agora para o meu lado como um homem que despencava de um aeroplano. Brrrrru... Aquilo caia em cima de mim. Desabava. A impressão que eu tinha era de desabamentos coletivos, epidemicos. Não ria. E' exatamente esse o termo. Era essa a minha espantada sensação. Eu virara repentinamente, sem saber como, um Don Juan irrestivel. Ir a um baile, a uma recepção, era imantar todos os olhares, atrair atenções e sorrisos. Estava um homem fatal. Mas daqueles! O meu telefone, no escritorio ou no apartamento, soava dia e noite. Mulheres que me queriam, mulheres que se ofereciam, mulheres chorando, mulheres beijando do outro extremo da linha, o bocal do telefone. Uma roda-viva. Bem gostosa, por sinal. Mas tudo aquilo inexplicavel. E' excusado dizer que eu fiquei vaidoso e feliz. E' sepre agradavel ser o querido das gentes... Você quer outro "whisky"?

— Quero.

— "Garçon". Mais dois. E' sempre agradavel — continuou ele. E eu ficava muitas vezes diante do espelho, procurando explicar o misterio. No meu rosto, nada de novo. A mesma fisionomia de sempre, um pouco mais cansada, talvez. Talvez aquela vaga expressão de cansaço fosse o "it", pensei eu. E como eu não dava conta de todas, e era forçado a repelir ou selecionar, essa atitude, juntada á minha fama de conquistador que ganhara mundo, tornava-me ainda mais fatal e disputado. Aliás, a minha fama de conquistador não me ficava bem...

— Modestia...

— Conquistador, não. Eu era conquistado... Não vá dizer que é convencimento... Era fato. Eu não tinha tempo de conquistar. Elas v-inham antes. Antes de eu ir elas chegavam. Aos bandos. Na rua, nos bondes, nos onibus nas festas. Algumas quasi se atiravam debaixo do meu automovel. E eu sempre feliz e sem compreender. Até que um dia, encontrei a chave. Eu estava beijando uma boca. A dona estremecia e acariciou-me a testa: — "Ah! meu Charles Boyer! —

E' fato! — disse eu. — Você é o retrato dele! Não tinha notado.

— Nem eu... Foi um choque. Corri ao espelho. Lá estava ele. Ele direitinho, a testa larga, o jeito inteligente (o jeito eu tenho...) o olhar, a boca, a altura, o corpo... E até a

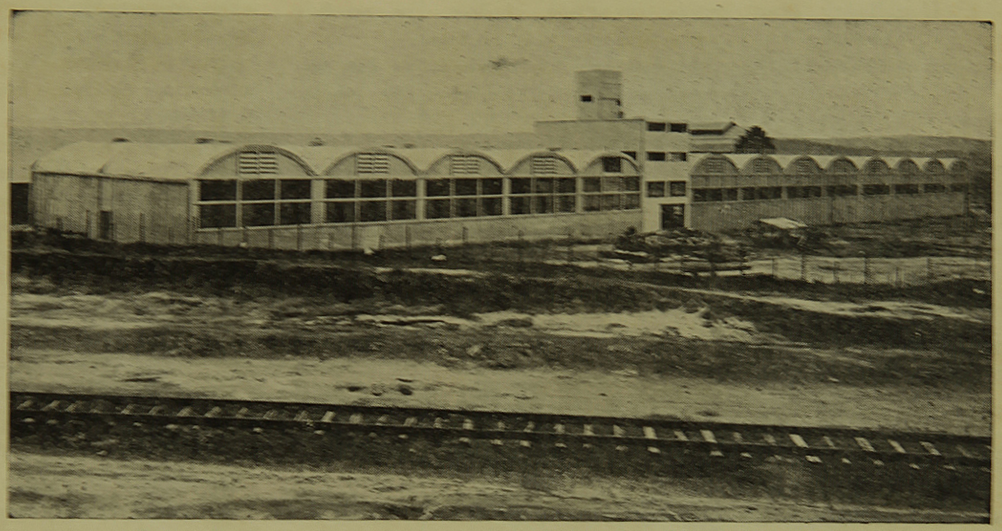
Continua na pag. 32

clube de campo.indd 32 7/31/13 5:15 PM

S.A. TUBOS BRASILIT

FIBRO - CIMENTO PAT. MAGNANI

RUA MARCONI, 131 - 7.º
S. PAULO



CANALISAÇÕES EM GERAL

Tubos de FIBRO — CIMENTO para PRESSÃO
ESGOTO — VENTILAÇÃO
CONEXÕES — CURVAS E PEÇAS ESPECIAIS
para qualquer fim e de qualquer formato

●

Os materiais fabricados com cimento-amianto aplicam-se com vantagem em multiplos usos industriais, pela sua impermeabilidade, má condução do calôr, grande resistencia, etc.

●

Escritório Central:
RUA MARCONI, 131 — 7.º
Endereço Telegr.: FIBROLIT
Fone: 4-5181 S. PAULO

FABRICA:
Avenida Prosperidade, 209
Fone: 128
São Caetano

clube de campo.indd 33 7/31/13 5:15 PM

ANECDOTARIO BRASILEIRO

I

MARTIM FRANCISCO

O METODO MAIS MODERNO

Uma professora muito faladeira procura Martim Francisco, pedindo-lhe a interferencia em favor da sua remoção para S. Paulo. E pedindo, fala, fala e fala. Atendida, para ser gentil com o seu bemfeitor, consulta-o sobre o methodo a adoptar no ensino infantil.

—Qual delles, sr. Conselheiro, devo adoptar: o synthetico ou o "analético"?

— Esse ultimo, minha senhora. E' o mais moderno...

IMPACIENCIA

Extremamente apressado e nervoso, impaciente e arrebatado, Martim definia assim o seu temperamento:

— Não gosto de esperar: se eu fosse negociante de fumo, venderia os cigarros já fumados, ou, pelo menos, já accesos.

NÃO ME INTERROMPA O DISCURSO.

Falando na Camara, certa vez, um deputado habitual e systematicamente silencioso, lembra-se de lhe dirigir um aparte. Martim não deu ouvidos. Pouco depois, novo aparte. Nova indifferença do orador. O homemzinho, porém, insiste terceira vez. Martim se exaspera:

— Peço ao pobre deputado que não interrompa o meu discurso, como eu nunca interrompi o seu silencio!

RECUPERANDO O TEMPO

Martim Francisco vae a uma pequena agencia de correio para registrar uma carta. A encarregada, mocinha, conversa com um rapaz. Troca de galanteios. Martim ouve e espera. Os minutos passam. Batem quatro horas. O moço despede-se. Martim se aproxima.

— Passou a hora de registrar, avisa a moça.

Insistencia de Martim Francisco. Recusa da menina.

— E sellos, ainda é tempo de vender?

— Pois não...

O velho humorista inicia então um grande pedido: 1.200 sellos de 10 rs., 2.000 de 20 rs., 1.458 de 50, 820 de 100, 3.700 de 200, uma quantidade enorme de sellos que a moça pacientemente vae contando.

— Em quanto fica, senhorita?

Ella verifica. Somma. Erra. Corrige.

— Tanto.

E diz uma quantia qualquer.

E Martim, amavel e macio de voz:

— Pode guardá-los agora. Esta foi a unica maneira de rehaver o tempo que perdi...

O CARRETO...

Certa noite, na sua residencia de Santos, Martim Francisco percebeu passos no jardim. Armou-se e foi ver. Era um gatuno que já saia, carregado de despojos, depois de uma limpeza cuidadosa da casa. Ergueu o revolver.

— Alto lá! Faça de novo o caminho por onde entrou e sahiu. Colloque-me tudo que tentou tirar nos logares que já conhece.

Cabisbaixo, humilde, o ladrão refaz o caminho percorrido, obedece ao revolver ameaçador, põe tudo no logar.

Mas ao sair, envergonhado, vê com surpreza que Martim Francisco lhe estende uma nota de 50$000.

— Toma lá pelo carreto...

A VISITA DO PRINCIPE

Martim Francisco fôra sempre devotado ao Conde d'Eu, á familia imperial, e, com especial carinho, ao principe D. Luis. Quando o conde d'Eu veiu a S. Paulo, em 1921, estava o grande paulista enfermo em casa do sr. Capote Valente, onde o vae visitar o Conde. A visita é simples. O principe, emocionado, surge-lhe no quarto de enfermo onde Martim permanece deitado, o busto erguido por altos travesseiros muito alvos.

— O amigo do meu Luiz! O amigo do meu Luiz! exclama, commovido, o Conde, aproximando-se do leito. E toma a cabeça alva de Martim, a chorar, cobrindo-a de beijos.

A cena é tocante. A palestra cresce, cheia de reminiscencias e lembranças, de nomes do passaddo, de coisas antigas. Afinal, despede-se o Principe. E repetem-se as mesmas exclamações os mesmos beijos enternecidos na cabeça branca e intelligente de Martim.

Os parentes acompanham o Principe até a porta. Ao se voltarem, surpreendem o impiedoso humorista de olhos humidos, tocados de emoção. Mas rapida. Porque, reagindo, elle olha para a esposa, já com um sorriso:

— Eu, hontem, bem disse a você que precisava lavar a cabeça!

CHARLES BOYER NA VIDA DE UM HOMEM

Conclusão da pag. 30

voz, já notou? — E' verdade... Até a voz...

Para você ver... Era ele... Era ele que elas amavam... Eu era um simples fantasma. O fantasma do outro. Só então compreendi os olhares e os cochichos da rua, aquela atração facil, aquela sedução irresistivel. Ela trabalhara por mim, lá de longe. Abrira o caminho, os corações, as portas. Era só entrar... E eu ia entrando de barriga, pensando que quem entrava era eu... Outras mulheres confirmaram logo a minha descoberta. E aquilo era o elogio maior que elas tinham para mim. Lembro-me de uma que, ao nos encontrarmos na Mappin, foi logo dizendo: — "Hoje você está direitinho como o Charles Boyer no Mayerling". Outras me achavam parecido com ele no "Jardim de Allah", ou no "Felicidade". Uma delas me acha o retratinho dele como Napoleão... Chego até a me espantar de como me iludi tanto tempo, de como conseguiram elas me iludir tanto tempo, sem deixar transparecer que não era eu...

Parou, bebeu lentamente o copo d'agua tingido de "whisky".

— Você pode imaginar o meu desapontamento, o meu desencanto. Foi um traumatismo dos maiores da minha vida. Um choque tremendo. Um abalo incrivel. Você compreende. Aquela revelação me esmagava. Todo o castelo que eu erguera vinha abaixo. Todo o "eu" que eu imaginara não existia. Eu vivia apenas em função de um homem ao longe. era amado em função de outro homem. Eu beijava, mas não estava sendo beijado. Era ele. Eu amava, o outro possuia. Um horror. Uma vergonha. Felizmente eu adaptei-me logo. Fiquei cinico. E em vez de me retirar, de me afastar, de dar um tiro na cabeça, aceitei serenamente a situação, conformei-me com o meu papel de representante. E o que eu fazia antes sem querer, tratei de fazer com sabedoria. Racionalizei a minha parecença. Passei a frequentar-lhe as fitas, comecei a imitar-lhe as maneiras e o guarda-roupa. Inteligencia, meu caro... Mas ai é que veio a tragedia...

— Ele passou da moda...

— Não. Ele continua em plena voga. "Nós"... Mas apareceu uma... Uma que eu amei de verdade... Uma que me enlouqueceu de paixão. Uma que não me quer... Esse é o meu horror, a minha tragedia, a minha desgraça...

— Essa que o autentico...

— Não. Essa prefere o Bing Crosby, um rapazinho que ha lá nas Perdizes. Até cantor é ele!...

clube de campo.indd 34 7/31/13 5:16 PM

Constitua

UM PECULIO para o FUTURO

GUARDAR dinheiro nem todos o sabem fazer. Entretanto, constituir um peculio é dever não só dos paes, mas dos jovens que se iniciam na vida, como garantia do futuro, como arma para futuras lutas, como elemento de victoria. Uma pequena quantia, separada mensalmente, seria um bom e solido começo. Estude o seu orçamento, determine a sua reserva mensal e aplique-a num titulo da Prudencia Capitalização. Seu peculio subirá paulatinamente, rendendo juros, e poderá, mesmo, ser contemplado com o valor nominal do titulo, num dos sorteios aos quaes concorrerá mensalmente. Comece hoje mesmo o seu peculio.

UMA COMPANHIA GENUINAMENTE NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

SABONETE

Fêno de Chimène

clube-de-campo.indd 35 7/31/13 5:16 PM

clube de campo.indd 36 7/31/13 5:16 PM